



UFRJ

Universidade Federal Do Rio De Janeiro

Faculdade de Letras

Comissão de Pós-Graduação e Pesquisa

O Estatuto Morfológico dos formativos Eco- e Homo- no Português
Brasileiro

Patrícia Affonso de Oliveira

Rio de Janeiro

2013

O ESTATUTO MORFOLÓGICO DOS FORMATIVOS ECO- E HOMO- NO PORTUGUÊS BRASILEIRO

Patrícia Affonso de Oliveira

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro como quesito para a obtenção do Título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Orientador: Prof. Doutor Carlos Alexandre Victorio Gonçalves

Rio de Janeiro

2014

O Estatuto Morfológico dos formativos Eco- e Homo- no Português
Brasileiro

Patrícia Affonso de Oliveira

Orientador: Prof. Doutor Carlos Alexandre Victorio Gonçalves

Dissertação de Mestrado submetida ao Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, como parte dos requisitos necessários para a obtenção do título de Mestre em Letras Vernáculas (Língua Portuguesa).

Examinada por:

Prof. Doutor Carlos Alexandre Victorio Gonçalves UFRJ Orientador

Prof.^a Doutora Beatriz Protti Christino UFRJ

Prof.^a Doutora Katia Emmerick Andrade UNESA

Prof.^a Doutora Maria Lucia Leitão De Almeida UFRJ Suplente

Prof.^a Doutora Monica De Toledo Piza C. Machado UFRRJ, Suplente

Rio de Janeiro

Fevereiro de 2014

Oliveira, Patrícia Affonso de

O Estatuto Morfológico dos formativos Eco- e Homo- no Português Brasileiro/ Patrícia Affonso de Oliveira. Rio de Janeiro: UFRJ/ FL, 2014.

xi, 107f il.; 1,5 cm;

Orientador: Carlos Alexandre Gonçalves

Dissertação (Mestrado) – UFRJ/ FL/ Programa de Pós graduação em Letras Vernáculas, 2014.

Referências Bibliográficas: f. 87 - 94.

1. Morfologia. 2. Processo de Recomposição. I Gonçalves, Carlos Alexandre. II. Universidade Federal do Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, 2013. III. O Estatuto Morfológico dos formativos Eco- e Homo-

Com muito amor, dedico este trabalho a Rafael, meu tesouro.

Agradecimentos

Ao meu orientador, Carlos Alexandre, por ser meu espelho, minha inspiração e minha âncora.

Aos meus pais Maria Celina (*in memorian*) e Wilson pelo apoio, carinho e dedicação.

Aos meus irmãos gêmeos Raquel Affonso e Rafael Affonso (*in memorian*) por serem os melhores companheiros que um ser humano pode ter e por sempre acreditarem que eu iria conseguir chegar até aqui.

A minha melhor amiga Vanessa Reis por me apoiar, me emprestar seu ombro, e por ser a melhor parte do meu fluxo de consciência.

A meu filho Rafael Affonso, por ser a razão de continuar seguindo mesmo quando as dificuldades são assustadoras: obrigada por ser minha bússola.

Aos meus dois sobrinhos lindos, Carlos e Maryana, por me fazerem acreditar que a vida vale muito à pena.

Aos professores que tive a honra de encontrar no caminho: Eliete Silveira, Maria Lucia Leitão, Mônica Nobre, Violeta Rodrigues, Lilian Ferrari, Luís Balga, Ana Paula Quadros e Flávia Trocoli por serem os melhores mestres que um aluno pode ter.

Aos amigos do NEMP que tive o prazer de conhecer no meio dessa jornada: José Augusto, Ana Paula Belchor, Kátia Emmerick, André Faria... Obrigada pelas boas risadas, pelas ótimas conversas e pelo carinho!

A José Augusto, por ter sido o tradutor do meu resumo.

OLIVEIRA, Patricia Affonso. *O estatuto morfológico dos formativos eco- e homo- no português brasileiro*. Orientador: Doutor Carlos Alexandre Victório Gonçalves. Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2013. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

RESUMO

Os elementos morfológicos *eco-* e *homo-* são oriundos do grego e significam, respectivamente, “casa, *habita*” e “semelhante, igual a” (CUNHA, 2010; HOUAISS, 2009). Atualmente, os formativos *eco-* e *homo-* vêm sendo amplamente utilizados para formar novas palavras, mas não mais com o significado que encontramos no dicionário etimológico: *eco-* aparece associado aos significados de “ecológico” e “reciclagem”, típicos de palavras como ‘ecologia’ e ‘ecológico’, e *homo-*, ao significado de “gay”, numa clara referência à palavra ‘homossexual’. Esses elementos morfológicos carecem de descrição minuciosa e apropriada, já que os poucos trabalhos que descrevem muito brevemente *eco-* e *homo-* se limitam a falar sobre sua etimologia e/ou a classificá-lo ora como radical (BECHARA 2004), ora como afixoide (OLIVEIRA & GONÇALVES, 2011), ora como pseudoprefixo (CUNHA & CINTRA, 2001). A falta de consenso entre os estudiosos sobre a que categoria pertencem esses elementos se dá justamente pelo fato de *eco-* e *homo-* apresentarem características tanto de radical quanto de afixo. Usamos a morfologia construcional de Booij (2005, 2010) para fazer a análise dos formativos *eco-* e *homo-* e também para averiguar o posicionamento dos nossos formativos ao longo do *continuum* derivação-composição proposto por Kastovsky (2009) e Gonçalves (2011a). Para essa última questão, serão utilizados, como parâmetros, os critérios empíricos apresentados em Gonçalves (2011a) e em Gonçalves & Andrade (2012).

PALAVRAS-CHAVE: recomposição; *continuum* derivação-composição;
prefixação.

OLIVEIRA, PATRICIA AFFONSO. *O estatuto morfológico dos formativos eco- e homo- no português brasileiro*. Orientador: Doutor Carlos Alexandre Victório Gonçalves. Rio de Janeiro: UFRJ / Faculdade de Letras, 2014. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

ABSTRACT

The morphological elements *eco-* and *homo-* come from the Ancient Greek and mean, respectively, “house, habitat” and “similar, equals to” (CUNHA, 2010; HOUAISS, 2009). Currently, the formative *eco-* and *homo-* have been widely used to form new words, but not with the same meaning we find in the etymological dictionary: *eco-* appears associated with meanings of “green” and “recycling”, typical of such words as ‘ecologia’ and ‘ecológico’, e *homo-*, the meaning of “gay”, regarding to the word ‘homossexual’. These morphological elements require thorough and appropriate description, since the few studies that describe very briefly *eco-* e *homo-* merely talk about its etymology and / or classify it either as *radical* (BECHARA 2004), sometimes as *afixoide* (OLIVEIRA & GONÇALVES, 2011), sometimes as *pseudoprefixo* (CUNHA & CINTRA, 2001). The absence of consensus among the scholars about the category to which elements belong is precisely due to the fact *eco-* and *homo-* present features both radical as it to affix.

This dissertation aims to use the constructional morphology of Booij (2005, 2010) to analyze *eco-* and *homo-* and also ascertain the positioning of our formatives along the continuum derivation-composition proposed by Kastovsky (2009) and Gonçalves (2011a). To this last question will be used, as parameters, empirical criteria presented in Gonçalves (2011a) and Gonçalves & Andrade (2012).

KEYWORDS: secretion; continuum derivation-composition; prefixation.

SINOPSE

Análise do Estatuto Morfológico dos Formativos Eco- e Homossegundo a Proposta da Morfologia Construcional

A maior solidão é a do ser que não ama. A maior solidão é a dor do ser que se ausenta, que se defende, que se fecha, que se recusa a participar da vida humana.

A maior solidão é a do homem encerrado em si mesmo, no absoluto de si mesmo, o que não dá a quem pede o que ele pode dar de amor, de amizade, de socorro.

O maior solitário é o que tem medo de amar, o que tem medo de ferir e ferir-se, o ser casto da mulher, do amigo, do povo, do mundo. Esse queima como uma lâmpada triste, cujo reflexo entristece também tudo em torno. Ele é a angústia do mundo que o reflete. Ele é o que se recusa às verdadeiras fontes de emoção, as que são o patrimônio de todos, e, encerrado em seu duro privilégio, semeia pedras do alto de sua fria e desolada torre.

Vinicius de Moraes

SUMÁRIO

1. Palavras iniciais	14
2. Revisão da literatura	19
3. Aporte teórico	27
3.1. Por que um <i>continuum</i> morfológico?	38
3.2. Gramaticalização: evidência da flexibilização de fronteiras	41
3.2.1. A gramaticalização nos formativos <i>eco-</i> e <i>homo-</i>	44
4. Aplicação de critérios empíricos na determinação do estatuto morfológico de <i>eco-</i> e <i>homo-</i>	51
4.1 <i>Eco-</i> e <i>homo-</i>: radicais, afixos?	51
5. Abordagem construcional	61
5.1. Esquemas e subesquemas	75
5.2. Esquema construcional de <i>eco-x</i>	75
5.3. Esquema construcional de <i>homo-X</i>	81
6. Conclusão	84
7. Referências Bibliográficas	87
Anexo 1: lista de dados de <i>eco-X</i>	95
Anexo 2: lista de dados de <i>homo-X</i>	105

1. PALAVRAS INICIAIS

Nesta dissertação, estudamos os elementos morfológicos *eco-* e *homo-* nas construções *eco-X* e *homo-X*, em que X é uma palavra de livre curso na língua, a exemplo de ‘homoestimulante’ e ‘ecoloja’. Os formativos *eco-* e *homo-* são oriundos do grego e significam, respectivamente, “casa, *habitat*” e “semelhante, igual a” (CUNHA, 2010; HOUAISS, 2009). Em grego, *eco-* era um substantivo masculino que funcionava como palavra e contribuía para a formação de compostos nessa língua (CUNHA, 2010). A base *homo-*, por sua vez, é vista como um elemento de composição, uma forma presa que se documenta em compostos formados no próprio grego (CUNHA, 2010).

Atualmente, os formativos *eco-* e *homo-* vêm sendo amplamente utilizados para formar novas palavras, mas não mais com o significado que encontramos no dicionário etimológico: *eco-* aparece associado aos significados de “ecológico” e “reciclagem”, típicos de palavras como ‘ecologia’ e ‘ecológico’, e *homo-*, ao significado de “gay”, numa clara referência à palavra ‘homossexual’. Oliveira & Gonçalves (2011: 180) afirmam que “esses formativos adquirem o significado de todo o composto de onde se desprenderam e se juntam a outras bases, formando novas palavras no atual estágio da língua”. Desse modo, adquirem significado mais especializado, distinto do significado etimológico, encontrado nos chamados internacionalismos¹. Esses formativos adquirem o significado de todo o composto de onde se desprenderam e se juntam a outras bases, formando uma série de novas palavras no atual estágio da língua.

¹ Internacionalismo, na visão de Gonçalves (2011b: 02), é um termo usado como “descrição pragmática de palavras morfofonologicamente semelhantes em diferentes línguas, que, formadas com elementos do grego e do latim, expressam o mesmo conceito”.

Interessou-nos, como motivação principal para a pesquisa, o fato de esses elementos morfológicos carecerem de descrição minuciosa e apropriada, já que os poucos trabalhos que descrevem muito brevemente *eco-* e *homo-* se limitam a falar sobre sua etimologia e/ou a classificá-lo ora como radical (BECHARA 2004), ora como afixoide (OLIVEIRA & GONÇALVES, 2011), ora como pseudoprefixo (CUNHA & CINTRA, 2001). A falta de consenso entre os estudiosos sobre a que categoria pertencem esses elementos nos chamou a atenção e essa divergência se dá justamente pelo fato de *eco-* e *homo-* apresentarem características tanto de radical quanto de afixo, como pretendemos mostrar ao longo desta dissertação. Além disso, nos poucos trabalhos em que há alguma menção sobre os formativos, não são contempladas as novas formações, a exemplo de ‘ecofeira’ e ‘homodireitos’, limitando-se os autores a breves comentários sobre as formações conhecidas como compostos neoclássicos².

O problema da categorização das unidades morfológicas tem sido estudado por alguns autores. A categorização aristotélica, baseada em classificações do tipo tudo ou nada, tem sido cada vez mais questionada por estudiosos como Kastovsky (2009), Bauer (2005), Gonçalves (2011a) e Gonçalves & Andrade (2012), que, observando e estudando o comportamento e as características dos processos de formação de palavras, perceberam a dificuldade de classificações discretas. Esses autores defendem, em favor de uma da flexibilidade entre as fronteiras categoriais, as noções de *continuum*, prototipicidade e radialidade. Em modelos teóricos que se baseiam nessas noções, os formativos não precisam conter todas as características

² Segundo Gonçalves (2011b:10) compostos neoclássicos se estruturam com base em formativos de origem greco-latina que, geralmente, não aparecem como elementos livres na língua tomadora.

consideradas essenciais para uma determinada classe. Eles, na verdade, se acomodam em algum ponto do *continuum*, se aproximando ou se afastando mais do modelo que se espera para uma dada categoria X ou Y.

É com base nessa noção de *continuum* que sustentamos a análise e a descrição dos elementos morfológicos *eco-* e *homo-*, com o objetivo de averiguar seu estatuto morfológico nas construções *eco-X* e *homo-X* e, com isso, verificar sua posição no *continuum* morfológico derivação-composição à luz dos trabalhos de Gonçalves (2011a) e Gonçalves & Andrade (2012). Neste trabalho, também nos baseamos na Teoria da Morfologia Construcional de Booij (2005, 2010), com vistas a representar os formativos por meio de esquemas construcionais propostos pelo autor e posteriormente rediscutidos, para o português, em Gonçalves & Almeida (no prelo). Ao utilizar esse modelo, seguiremos mais de perto a proposta de Gonçalves & Almeida (no prelo), pois esses autores ampliam o modelo de Booij (2010), detalhando um pouco mais o polo semântico das construções morfológicas, além, é claro, de tomarem por base a morfologia da língua portuguesa.

Os dados que embasam a análise foram coletados no *site* de busca *Google*, no *site todasaspalavras.com*, no *dicionarioinformal.com*, no Dicionário eletrônico Houaiss (2009), em *sites* de relacionamento como *facebook*, e ainda em cartazes, propagandas, e em jornais de grande circulação como 'O Globo'. Foram coletados também dados de dicionários comuns, eletrônicos e etimológicos. São ao todo 193 dados. Trabalhar com dados oriundos da internet é mais vantajoso porque os encontramos mais facilmente e, em geral, é o que está sendo utilizado com alguma frequência nas redes sociais. Mas não usamos somente essas fontes; usamos também dicionários etimológicos

(CUNHA, 2010; HOUAISS, 2009), com vistas a datar cada uma das formas rastreadas, e dicionários morfológicos (GÓIS, 1945; HECKLER *et al.*, 1981), para obter referência sobre o estatuto das partículas estudadas.

Este trabalho está dividido em seis partes. No capítulo 2, faz-se uma revisão bibliográfica sobre a origem e a história dos elementos morfológicos *eco-* e *homo-*, procurando mapear o que já foi descrito sobre esses dois formativos. Procuramos informações sobre eles em dicionários etimológicos, como Cunha (2010), em dicionários eletrônicos, como o Houaiss (2009), em gramáticas, como, por exemplo, Castilho (2010), Perini (2010), Rocha Lima (2010) e Perini (2010), Bechara (2004), Cunha & Cintra (2001), e em manuais de morfologia como, por exemplo, Monteiro (2002), Basilio (2007), Rosa (2009), Laroca (1994), Rocha (2008) e também teóricos que lhes dedicaram alguma atenção, a exemplo de Oliveira & Gonçalves (2011) e Oliveira (2012).

Logo em seguida, no capítulo 3, apresentamos a proposta de *continuum* e sua vantagem para a descrição das estruturas morfológicas do português, usando, como base teórica, autores como Kastovsky (2009), Bauer (2005, 2010), Gonçalves & Andrade (2012) e Gonçalves (2011a). Ao tratar da categorização e de protótipos, tomamos por base Ferrari (2011) e Silva (2006). Fazemos, também nesse capítulo, uma breve análise dos elementos morfológicos *eco-* e *homo-* via gramaticalização e, para realizar a análise, usamos Neves (1997) e Gonçalves *et alii* (2007).

No capítulo 4, é proposta a análise dos dados com base em onze critérios empíricos extraídos de Gonçalves (2011a) e Gonçalves & Andrade (2012). Esses critérios nos servirão de base para averiguar o estatuto morfológico de *eco-* e *homo-*, se mais próximo da derivação ou da composição.

O capítulo 5 é destinado à análise dos formativos *eco-* e *homo-* segundo a Teoria da Morfologia Construcional proposta por Booij (2005, 2010) e rediscutida por Gonçalves & Almeida (no prelo). Na seção 5.1, faremos a apresentação do modelo e em 5.2, a análise dos formativos *eco-* e *homo-* com base nesse novo olhar sobre as construções morfológicas das línguas naturais.

Por fim, no capítulo 6, temos as considerações finais, seguidas das referências bibliográficas e dos anexos. Esperamos que o trabalho contribua para os estudos morfológicos do português, como os que estão sendo feitos no âmbito do NEMP (Núcleo de Estudos Morfossemânticos do Português) na UFRJ. Essa dissertação é resultado de estudos realizados por nós em um período de dois anos dentro do referido grupo de pesquisa.

2. REVISÃO DA LITERATURA

Em língua portuguesa, são poucos os autores que comentam algo sobre os formativos *eco-* e *homo-*. Procuramos pelos formativos em gramáticas, manuais de morfologia, dicionários de referência, dicionários especializados e etimológicos e também em trabalhos (artigos, teses, ensaios) de variadas linhas teóricas.

Nas gramáticas de autores renomados, como, por exemplo, Castilho (2010), Perini (2010), Rocha Lima (2010) e Perini (2010), não encontramos nenhuma referência a *eco-* e *homo-*. Bechara (2004:376) não faz menção ao formativo *eco-*, mas afirma que *homo-* (*homos, homeo*) significa “semelhante”, “o mesmo”, e que este é um radical grego que serve para formar palavras como ‘homogêneo’ e ‘homônimo’.

Cunha & Cintra (2001) não fazem referência ao formativo *eco-*, mas mencionam *homo-*, afirmando ser um radical erudito do grego que significa “semelhante” e forma compostos eruditos, filosóficos, literários, técnicos e científicos. Para os autores, *homo-* serve geralmente de primeiro elemento da composição, como em ‘homófono’ e ‘homógrafo’. Os autores fazem, ainda, uma análise das diferenças entre radicais eruditos e pseudoprefixos. Nessa direção, afirmam que os pseudoprefixos têm um comportamento diferente dos radicais eruditos, pois, apesar de adquirirem sentido especial nas línguas modernas, ainda se empregam com o valor originário em numerosos compostos. Para os autores, os radicais que adquiriram sentido especial e assumem o sentido global dos vocábulos de que antes eram elementos componentes denominam-se pseudoprefixos, a exemplo de *tele-* e *auto-*, em formações como ‘telepizza’ e ‘autopeças’. Estes se distinguem dos radicais por

apresentar deriva semântica, que se evidencia quando processada a “decomposição”: os elementos ingressam em outras formações com sentido diverso do etimológico. Os gramáticos acreditam que a deriva semântica desses elementos decorre de um processo denominado recomposição por André Martinet, já que não se identificam com o processo de composição e tampouco com o de derivação.

Ao consultarmos manuais de morfologia, como, por exemplo, Monteiro (2002), Basilio (2007), Rosa (2009) e Laroca (1994), também não encontramos nenhuma menção aos elementos aqui estudados. Rocha (2008:63), em seu manual de morfologia, afirma que o formativo *eco-* é uma entrada lexical presa, ou seja, é uma base presa, e, por isso, não funciona como palavra na língua portuguesa. O autor afirma que *eco-* é componente de uma composição erudita, citando como exemplo de “composto erudito institucionalizado” as formas ‘eco-restaurante’ e ‘ecossistema’ (*op.cit.*, p:185). O autor não faz menção do formativo *homo-*.

Ao pesquisar sobre *eco-* e *homo-* em dicionários especializados, como, por exemplo, o *Dicionário de Linguística e Gramática* de Câmara Júnior (2009) e o *Dicionário Morfológico da Língua Portuguesa* de Heckler *et alii* (1981), não encontramos nenhuma informação a respeito dos formativos. No *Dicionário de Raízes e Cognatos da Língua Portuguesa* de Góis (1945), nada se diz a respeito de *eco-*, mas encontramos referência a *homo-*. Segundo Góis (1945:85) *hom-* proveio do latim *hom-o* e significa “gênero humano”. O autor declara que em homem e seus derivados *hom-* revestem as seguintes formas: a) *hom-in* em *hom-in-al*, *hom-in-al-i-dade*; b) *hom-em* em *hom-em-agem* e seus derivados e c) *hum* em *hum-ano*, *des-hum-ano*. O autor conclui que *hom-*

também pode ser usado como prefixo *homi* em formas como ‘homicídio’. Esse *homo-*, no entanto, constitui o que Gonçalves & Almeida (2008) denominam homomorfia, uma relação de homonímia que se manifesta em nível morfológico: a mesma forma, *homo-*, tem étimos diferentes e significados nitidamente distintos. O *homo-* que nos interessa neste trabalho, enfatizamos, é o de origem grega.

Segundo o dicionário Houaiss (2009), *eco-* foi documentado no vernáculo desde o século XVI e ocorre, a partir do século XIX, em cultismos, entre os quais destaca ‘ecoador’, ‘ecoar’, ‘ecoável’, ‘ecômetro’, ‘ecólico’ – que têm como significados “ruído, som, eco”, sendo, portanto, um homônimo latino do elemento aqui tomado para análise. Já o formativo *homo-* ocorre em diversos compostos formados no próprio grego, como ‘homologia’ e ‘homólogo’, e em muitos cultismos que ocorrem a partir do século XIX, principalmente em científicismos. O autor observa, ainda, que, além de usado em cultismos, tal elemento também é empregado na química, como ‘homocistina’ e ‘homocisteína’, entre tantos outros, manifestando sempre o significado de “igual a ou semelhante”.

No dicionário etimológico de Cunha (2010:234), encontramos o formativo *eco-* designado como substantivo masculino que significa “ressonância, por reflexão, de onda sonora”, numa clara alusão ao homônimo acima comentado. Ainda segundo o autor, essa palavra de origem latina entra para o português no século XVI. Já o formativo *homo-* é um elemento de composição, do grego *homós* que significa “igual, semelhante” e se documenta em compostos formados no próprio grego. O autor usa como exemplo ‘homogêneo’ e afirma que vários outros compostos foram introduzidos na língua, a partir do século

XIX na linguagem científica internacional, como ‘homocêntrico’ (1813), ‘homocentro’ (1873), ‘homodermo’ (1858) e ‘homógamo’ (1881), entre tantos outros (*op.cit.* p:341).

Ao pesquisar teóricos que abordaram esses dois elementos neoclássicos, encontramos dois autores que trabalham com esses formativos: Oliveira & Gonçalves (2011) e Oliveira (2012). Segundo Oliveira & Gonçalves (2011), atualmente, os formativos *eco-* e *homo-* vêm sendo amplamente utilizados para formar novas palavras não mais com o significado que encontramos nos dicionários etimológicos: como se vê nos exemplos em (01), a seguir, *eco-* aparece associado aos significados de “ecológico” e *homo-*, ao significado de “gay”:

(01) Ecodiversidade: Diversidade ecológica

(02) Homodireitos: Direitos dos homossexuais

Segundo Oliveira & Gonçalves (2011:181), a forma de base reanalisada nas construções com *eco-* foi, sem dúvida alguma, ‘ecologia’, termo criado em 1866 pelo biólogo e zoólogo alemão Ernst Haeckel, um dos maiores discípulos de Charles Darwin. O item lexical ‘ecologia’ é originalmente estruturado com base em duas palavras gregas: ‘oikos’ (“casa”) e ‘logia’ (“ciência”). Associado ao meio ambiente, refere-se à palavra “casa/habitat dos seres vivos”. De acordo com o *Wikipédia*, a ecologia só ficou popular em 1967, quando o petroleiro Torrey Cântion sofreu um acidente na França e causou um grande problema ambiental. Foi em função desse evento que a BBC publicou que o governo da Inglaterra desenvolveria um plano “*para investir em recursos*

alternativos para geração de energia em países em desenvolvimento com dinheiro coletado cada vez que um ministro ou servidor público civil britânico viaja de avião a trabalho” (op.cit. p:181). Os autores acreditam que, dada a alta relevância das questões ambientais nos últimos tempos, eco- passa a designar ‘ecológico’ nas novas formações, numa clara alusão a essa palavra.

Quanto à formação desses itens lexicais, ditos recompostos, os autores afirmam que *eco-* hoje se comporta mais como prefixo, adjungindo-se a formas de livre curso na língua e formando palavras em série. Oliveira & Gonçalves (*op.cit.*) afirmam que *eco-* se comporta formalmente mais como prefixo por que (a) não altera a classe de palavras a que se liga, (b) é bastante produtivo, (c) é uma forma que sozinha não funciona como palavra, ou seja, não estabelece, por si só, comunicação suficiente e (d) fixou-se na margem esquerda nas estruturas morfológicas do português. Além disso, *eco-* funciona como determinante dos termos a que se liga, estabelecendo um padrão estrutural DT-DM (determinante-determinado), no qual é o modificador, a exemplo de ‘ecocatástrofe’, que significa “catástrofe ambiental ou ecológica”.

Oliveira & Gonçalves (*ibidem*) também nos mostram que, em relação à tonicidade, a sílaba que porta o acento primário é a tônica do núcleo (forma à direita); a tonicidade do elemento à esquerda (não-cabeça) é mantida, porém como acento secundário. Evidência de um acento secundário sobre *eco-* é a abertura da média anterior, sempre realizada como [ɛ].

Quanto ao polo do significado, os autores afirmam que *eco-* adquiriu novas acepções: “verde” e “reciclagem”, numa clara referência à gama de significados instanciados por ‘ecologia’. Por exemplo, ‘eco-atitude’ significa

“atitude ou comportamento que respeita as regras de preservação ambiental ou ecológica”; ‘ecodiversidade’ designa “diversidade ecológica”.

Além de fazerem a análise do formativo *eco-*, também examinam o formativo *homo-*, que, segundo eles, (*ibidem*) difere um pouco de *eco-* no que diz respeito ao seu estatuto morfológico. Ambos são usados no processo de recomposição, mas, diferentemente de *eco-*, mais semelhante a um prefixo, *homo-* parece equivaler a um radical, pois pode ser usado como palavra na língua, ou seja, é forma com estatuto nominal, admitindo, inclusive, flexão de número: *A justiça está fazendo valer os direitos dos homos.* (exemplo dos autores).

Ainda em relação ao aspecto formal, os autores afirmam que as formas recompostas com *homo-* geralmente têm como elementos de segunda posição bases de livre curso na língua, como em ‘homoestimulante’, “estimulante utilizado nas relações homossexuais”. Em relação à cabeça lexical, acreditam que o mesmo padrão encontrado em *eco-* vale para *homo-*: a relação padrão é DT-DM (determinante-determinado), estando à cabeça lexical (formal) à direita e a base *homo-*, sempre à esquerda, funciona como adjunto ou modificador.

Quanto ao aspecto semântico, afirmam que *homo-* apresenta, nas construções morfológicas mais antigas, o significado de “semelhante” ou “igual a”. Atualmente, essa unidade atualiza o significado “*gay*”, encontrado no composto neoclássico ‘homossexual’, como se observa nos exemplos a seguir:

(03) homopolítica, homoconsciência, homodireitos,
Homoinquisição, homodeputado, homoatleta,

Os autores afirmam que, nas novas formações com *homo-*, o sentido atualizado é o de “*gay*”, devido à alta relevância que o termo ‘homossexual’ adquiriu nos últimos anos, em decorrência dos direitos que os homossexuais vêm conquistando nas sociedades modernas. Assim, ‘homoafetividade’ é a “relação de afetividade entre homossexuais” e ‘homofóbico’ expressa algo como “aversão a homossexuais”. Os autores acrescentam ainda que, por exibirem características de afixo e radical, os formativos em questão constituem o que Gonçalves & Oliveira denominam de afixoide uma vez que

“afixoides realmente ostentam propriedades de radical e afixo, não se nivelando, no entanto, com nenhuma dessas categorias, já que apresentam características próprias, que legitimam o reconhecimento de uma classe distinta de formativos” (GONÇALVES & OLIVEIRA, 2013: 148).

Para Oliveira (2012:75) “quando a língua necessita, cria meios formais para expressar novos conceitos por meio de itens lexicais complexos que demonstram o que é relevante culturalmente, o que nos faz acreditar, na linha da Linguística Cognitiva, que a cognição é culturalmente situada”. A autora acredita, juntamente com Booij (2005) e Bauer (2005), que os chamados radicais neoclássicos são considerados um problema para a teoria morfológica, pois, segundo Bauer (2005:105), “não está claro se os compostos neoclássicos devem ser incluídos, em sua totalidade”, no processo de composição, já que nem todos constituem lexemas em inglês, pois vários deles não são considerados radicais nessa língua.” A autora também considera que os elementos morfológicos em questão são afixoides, pois se baseia em Gonçalves (2011a), primeira referência a essa possibilidade de categorização para os formativos *eco-* e *homo-*.

No próximo capítulo, apresentamos o aporte teórico adotado na Dissertação: começamos com a noção de *continuum* e, em seguida,

referenciamos Gonçalves (2011a) e Gonçalves & Andrade (2012), abordagens nas quais nosso estudo se apoia.

3. APORTE TEÓRICO

Bauer (2005) observa que a fronteira entre a composição e a derivação é maleável em ambos os lados e essa afirmação faz com que o autor se pergunte se há uma fronteira de fato: temos duas categorias claras, isoladas, ou temos protótipos em cada extremidade de uma única dimensão? O autor observa que há morfemas que podem cruzar a fronteira entre derivação e composição e acredita que isso é comum se olharmos o fenômeno através da gramaticalização. Bauer (*op.cit*) nos mostra que exemplos de afixos que se movem da derivação para a composição são muito mais raros que os exemplos de radicais que se movem em direção à derivação. Bauer afirma que os prefixos, diferentemente dos sufixos, podem se tornar independentes por meio do processo de *clipping* (truncamento) e que por esse processo podem passar a ser usados de forma isolada e, uma vez adjungidos a palavras, funcionam como primeira parte do composto, pois o “significado da palavra inteira será o mesmo sob uma ou outra interpretação” (*op.cit.p:101*).

O autor afirma que “há uma série de palavras que parece conter morfemas incomuns e em que não fica claro *a priori* se a palavra inteira deve ser interpretada como um composto ou um derivado; por isso, mais uma vez, parece haver palavras em posição fronteira”(*op.cit.p:103*). Bauer declara que, por existirem casos fronteiros, poderíamos optar por tratar essas palavras como monomorfêmicas, mas isso contraria a intuição dos falantes nativos. Acredita que “compostos neoclássicos são um problema, embora não central, mesmo assumindo que desejamos derivá-los por processos aditivos de formação de palavras do mesmo modo que fazemos com os compostos

nativos” (op.cit.p:105). O autor usa exemplos como *psychology* ou *philosophy* e declara que “não está realmente claro se essas formas são compostos”, pois,

se definirmos um composto como sendo um lexema cujos constituintes imediatos são representantes de lexemas (um tipo bastante padrão de definição, mesmo que o constituinte seja, talvez, desconhecido), não está claro que compostos neoclássicos devam ser de todo incluídos na composição: *logy* não é um lexema do Inglês. No entanto, itens como *philo-* e *-sophy* têm características de palavra, tanto em termos fonológicos quanto semânticos, e isso é parte da razão da nomenclatura 'composto neoclássico'. A implicação é que, qualquer que seja o tipo de formação que está por trás de *philology* esta não é exatamente composição. O rótulo 'composto neoclássico' se mostra inadequado, uma vez que um composto neoclássico não é um composto (de acordo com leitura normal da palavra), sendo mais um problema terminológico do que um problema de substância. (BAUER, 2005:105).³

O autor conclui que

são os itens para os quais é difícil ou impossível atribuir uma classe de palavra que parecem causar os problemas, e as instâncias em que os itens estão em processo de ganhar ou de perder independência que vão ter com uma classe de palavra. Para colocar o problema de outra forma, não é a distinção entre derivação e composição - tal como definida em termos de palavras versus afixos obrigatoriamente presos que está em jogo. É o fato de que os itens podem falhar para manter o seu status (ou falta de independência) de independentes historicamente. Prefixos e segundos elementos de compostos que estão se tornando afixos bem como alguns morfemas únicos que estão em processo de perda de independência; *splinters* e afixos que estão ascendendo a palavras podem estar no processo de conquista da independência. Nada disso ameaça a distinção entre derivação e composição: é a declaração de independência que é vital. (BAUER, 2005.107).⁴

³ *If we define a compound as being a lexeme whose immediate constituents are representatives of lexemes (a fairly standard type of definition, even if the wording is perhaps unfamiliar), it is not clear that neo-classical compounds should be included at all: logy is not a lexeme of English. Nevertheless, items like philo- and -sophy do have word-like features, both in phonological and in semantic terms, and this is part of the reason for the nomenclature 'neo-classical compound'. While it may be true that it is not clear whether an item such as sociolinguistics should be treated as some special subset of neo-classical compound or a special subset of prefixed construction, we do not need to argue about the 'wordhood' of socio. For most purposes it is clear that it is not a word, and we can simply take that point of view here. The implication is that whatever the formation-type that lies behind sociolinguistics, it is not straightforwardly compounding, and the same must be true of philology etc. The label 'neo classical compound' is then shown to be exocentric, since it is not the case that a neoclassical compound is a compound (under normal readings of the word), but that is a terminological problem rather than a problem of substance.*

⁴ *Rather it is items to which it is difficult or impossible to attribute a word-class which seem to cause the problems and instances where items are in the process of gaining or losing the independence that goes with having a word-class. The problem, to put it another way, is not the distinction between derivation and compounding – as defined in terms of words versus obligatorily bound affixes that is fine. It is the fact that items may fail to maintain an independent (or a lack of independent) status historically. Prefixes*

Kastovsky (2009), ao analisar o estatuto morfológico das chamadas formas combinatórias⁵, declara que outro grande problema é a demarcação, por um lado, entre palavras, radicais e afixos, e, por outro, entre os elementos que não o são, a saber, palavras reduzidas, truncadas e partes de *blends*, os chamados *splinters*, que também desempenham um papel importante na demarcação de formas combinatórias (op.cit. p:4). Nas palavras do autor,

o sistema morfológico do inglês é em si heterogêneo. Em outras palavras, as formas de input para os processos morfológicos não são homogêneas. Essa conclusão é baseada na suposição de que a morfologia de uma língua, entre outras coisas, é caracterizada pelos seus inputs, que podem variar de língua para língua, mas não precisam ser homogêneos dentro de uma mesma língua. A fim de lidar com este problema, é necessário distinguir três tipos de input para os processos morfológicos, que caracterizam três tipos de morfologia, nenhum dos quais precisa, necessariamente, manifestar-se de modo isolado. Ao contrário, na maioria das vezes, encontramos um tipo misto. Se se aceita essa premissa, a categoria FC é supérflua e pode ser descartada, porque as formações em questão podem ser atendidas por outras categorias morfológicas que serão necessárias de qualquer maneira. (op.cit.p: 8)⁶

Kastovsky (op. cit.) declara que existem três tipos de *inputs* usados na formação de lexemas e que os lexemas permitem três diferentes representações prototípicas que servem de *input* para os vários processos

and second-elements of compounds that are becoming affixes as well as some unique morphs are in the process of losing independence; splinters and affixes up-grading to words may be the process of gaining independence. None of this threatens the distinction between derivation and compounding; it is the declaration of independence which is vital.

⁵ As formas combinatórias, segundo Gonçalves (2011c:70) são elementos que, como os afixos, ocorrem numa borda específica da palavra, mas, em função de seus significados, correspondem a radicais, a exemplo de *-drasta* e *caipi-*, também chamados *splinters*.

⁶ *The other reason is that all these approaches, although aware of the heterogeneity of the English vocabulary because of its massive borrowing, do not really accept as a fact that the English morphological system itself is heterogeneous. In other words, the input to morphological processes is not homogeneous. This conclusion is based on the assumption that the morphology of a language, among other things, is characterized by its input, which can differ from language to language and need not be homogeneous within one and the same language. In order to deal with this problem, it is necessary to distinguish three types of input to morphological processes, which characterize three types of morphology, neither of which need necessarily occur in a pure manifestation. Rather, more often than not, we find a mixed type. If one accepts this premise, the category of CFs is superfluous and can be discarded, because the formations concerned can be taken care of by other morphological categories which will be needed anyway.*

morfológicos que operam na morfologia flexional e na formação de palavras: palavra, radical e raiz. Assim, para o autor, a morfologia do inglês resulta em uma distinção entre a morfologia baseada em palavra, em radical e em raiz. O autor define palavra como uma organização independente, elemento sintático significativo, passível de transposição em sentenças, que pode ser simples ou complexo; é, portanto, a realização concreta de uma forma de palavra (forma flexional) em um enunciado, isto é, uma forma livre. Define radical como uma classe de palavra específica que representa um lexema que não pode ocorrer por conta própria como palavra, e, para funcionar como palavra, tem de ser acrescido de morfemas derivacionais e / ou flexionais, ou seja, é uma forma presa. Por fim, define raiz como um elemento que sobra quando todos os elementos derivacionais, “formativos de radical” e flexionais, são isolados. Desse modo, para uma raiz se tornar um radical, necessita de material morfológico e, para que o radical se torne uma palavra, mais material morfológico ainda tem de ser adicionado. As raízes podem ser filiadas a uma determinada classe de palavra ou podem pertencer a uma classe de palavra neutra (op.cit. p:9). Ressalta que os termos radical e raiz são usados equivocadamente, “uma prática que deve, no entanto, ser evitada tendo em vista a necessária distinção entre essas duas categorias” (op.cit. p:9), pois

Sempre se reconheceu que pelo menos alguns prefixos e sufixos nativos têm se desenvolvido a partir de primeiro e segundo membros de compostos resultando em uma escala de gradação sincrônica entre os constituintes de uma composição, semi-afixos e afixos genuínos. Aparentemente, o mesmo tipo de desenvolvimento aconteceu com o primeiro e segundo membros de radicais não-nativos compostos, independentemente da sua origem, por exemplo, neo-, crypto-, multi- or -logy, -nomy, -itis, resultando na mesma gradação entre composição e sufixação na formação de palavras nativas. Assim, não há necessidade de termos indefinidos, como

"forma combinatória" ou "elemento terminal" para eles. (Kastovsky, 2009:10)⁷

Kastovsky (*op. cit.*) acredita que o problema real é a demarcação entre composição e afixação, em que uma estrita linha divisória parece não existir sincronicamente. Declara que devemos assumir uma gradação tanto no que diz respeito ao comportamento formal (fonológico e/ou morfológico) quanto ao semântico, para tanto

uma análise no âmbito da gramaticalização pode ser útil, mas se tal distinção é realmente viável tendo em vista o fato de que afixos podem ter significados muito específicos (...) e lexemas podem ter significados muito gerais. Em qualquer caso, essa seria a tarefa de uma abordagem semântica mais sistemática sobre a formação de palavras, o que ainda é uma aspiração. (*op.cit. p:11* ⁸)

Kastovsky (2009) afirma, portanto, que a noção de "forma combinatória" não é necessária. As categorias "palavra", "radical", "afixo", "afixoide", "truncamento" e "blend", necessárias a formação de palavras por razões independentes, são suficientes para lidar com as formações em questão." (*op.cit. p:12.*). Argumenta que a composição, o truncamento e os cruzamentos vocabulares devem ser considerados como padrões prototípicos no inglês e dispostos em uma escala de componentes assim formalizada:

⁷ *It has always been recognized that at least some native prefixes and suffixes have developed from first- and second-members of compounds resulting in a synchronic cline between compound constituents, semi-affixes and genuine affixes. Apparently, the same kind of development happened to first and second members of non-native stem-compounds, whatever their origin, e.g., neo-, crypto-, multi- or -logy, -nomy, -itis, resulting in the same cline between compounding and affixation as with native word-formation. There is thus no need for undefined terms such as "combining forms" or "terminal elements" for these.*

⁸ *Perhaps an analysis within the framework of grammaticalisation might be helpful, but whether such a distinction is really viable in view of the fact that affixes can have very specific meanings, cf. -age 'fee' in anchorage, corkage, and lexemes can have very general meanings like thing, place is arguable. In any case, this would be the task of a more systematic word formation semantics, which is still a desideratum.*

(01) composição (palavra) > composição de base presa (radical) > afixoides > afixação (baseada em palavra/radical) > (compostos truncados) > (recorte de palavras/radical)> cruzamento vocabular > splinters > siglas

O autor conclui que

Esta escala interage com a heterogeneidade tipológica do sistema de formação de palavras inglês, que permite tanto palavras como radicais como inputs de processos de formação de palavras. Portanto, a noção de "forma combinatória" é algo como um arenque vermelho em lexicologia, porque cria mais problemas do que os resolve e deve ser dispensada. (*op.cit. p:12.*)⁹

Gonçalves (2011a) mostra que a mudança morfológica “constitui um dos principais indicadores de um *continuum* composição-derivação, já que afixos podem originar-se de palavras ou radicais presos, revelando que, diacronicamente, itens morfológicos nem sempre preservam seu estatuto original.” (2011:62). Para o autor, a composição é um processo que combina palavras ou radicais para formar um item morfológicamente complexo, e a derivação requer a presença de um afixo (*op.cit. p:62*). Juntamente com Booij (2005), acredita que embora a derivação e a composição sejam processos de formação de palavras diferentes, nem sempre é fácil distingui-los, já que suas fronteiras são maleáveis de ambos os lados (*op.cit. p:65*). Gonçalves declara que “na existência de categorias não-nucleares, que podem ser classificadas como afixos marginais ou radicais marginais, por exibirem propriedades tanto de afixos quanto de lexemas” (*op.cit p:65*). O autor declara que, em algumas abordagens, esses elementos não-nucleares recebem o nome de afixoides por exibirem características de afixos e radicais ao mesmo tempo e que elementos

⁹ *This scale interacts with the typological heterogeneity of the English word-formation system, which allows both words and stems as input to word-formation processes. Therefore, the notion “combining form” is something like a red herring in lexicology, because it creates more problems than it solves and should therefore be given up*

desse tipo foram considerados pertencentes a uma classe diferente, situada entre lexemas e afixos:

a postulação de afixoides, por si só, evidencia a imprecisão e a maleabilidade das fronteiras entre composição e derivação. Dito de outra maneira, afixoides constituem um recurso descritivo válido para segregar os dois processos, *independentemente de* formarem ou não uma classe separada. A existência desse tipo de entidade levou Booij (2005) a propor que composição e derivação recebam o mesmo tipo de tratamento, lançando, então, as bases de um novo modelo de análise, a morfologia construcional, abordagem amplamente descrita em seu recente livro, *Construction Morphology* (Booij, 2010). (*op cit.p:65*).

O autor usa dois critérios para diferenciar a composição da derivação:

(a) o tipo de unidade que participa de um item morfologicamente complexo e
(b) a posição que esse item ocupa no interior da palavra. Declara que é aceita a ideia de que a composição faz uso de itens livres que podem aparecer tanto à esquerda quanto à direita de uma base e que a derivação faz uso de formas presas com fortes restrições posicionais é bem aceita na literatura morfológica. Observa, ainda, a existência de elementos que oscilam de posição dentro de uma palavra, como, por exemplo, *fonética / telefonia* (exemplos do autor, p:67). Ao demonstrar esse exemplo, o autor explica que “o critério mobilidade posicional, portanto, nos levaria a categorizar tais constituintes como radicais, já que verdadeiros afixos não mudariam de lugar. A posição no interior da palavra, entretanto, não é considerada um critério 100% seguro.” (*op cit.p:67*). O autor elabora um quadro diferenciando os afixos dos radicais, e postula que tais diferenças devem ser consideradas como tendências gerais dos dois processos e não como uma verdade absoluta sobre o estatuto morfológico de formativos:

	Composição	Derivação
As unidades	Radicais Palavras	Afixos
	Lexemas autônomos Formas encurtadas, presas, que remetem a palavras	Elementos de fronteira (formas presas que não correspondem a palavras)
Características estruturais	Unidades com posição não necessariamente fixa na estrutura da palavra	Unidades definidas por uma posição pré-determinada na estrutura da palavra (à esquerda ou à direita)
	A variável lexical utilizada é predominantemente a palavra	A variável lexical utilizada é predominantemente o radical
	Cabeça lexical à direita ou à esquerda	Cabeça lexical à direita
	Possibilidade de existir relação de coordenação entre constituintes	Ausência desse tipo de relação
	Possibilidade de flexão entre constituintes	Flexão periférica
Característica fonológica	Realização em mais de uma palavra prosódica	Realização em uma única palavra prosódica
Características semânticas	Expressa um significado lexical	Manifesta um conteúdo gramatical ou funcional
	Pode ser endocêntrica ou exocêntrica	Predominantemente endocêntrica
Produtividade e produção	Forma conjuntos mais fechados de palavras (é mais <i>ad hoc</i>)	Forma conjuntos mais completos de palavras (é mais regular)
	Caracteriza grande número de formas manufaturadas	Produz palavras em série

Quadro retirado de Gonçalves (2011:69): as principais características das composições e derivações mais prototípicas

O autor conclui que

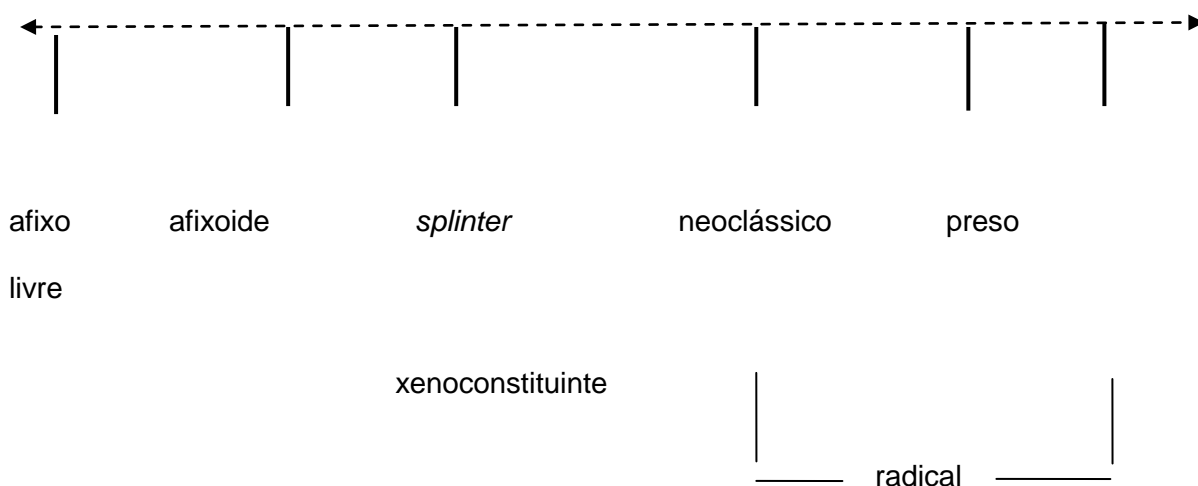
considerando a existência de um *continuum* entre as operações morfológicas, tal como sugeriu pioneiramente Bybee (1985), podemos entender melhor o comportamento de processos de formação de palavras difíceis de categorizar em português, como a combinação truncada ('caipifruta', 'caipivodka', 'caipissuco'), a substituição sublexical ('mãedrasta', 'irmãdrasta', 'sogradrasta') e a recomposição ('auto-peças', 'auto-escola', 'auto-tecnologia'). Esses processos recebem mais acolhida na abordagem aqui defendida. (*op.cit.* p:70)

Gonçalves & Andrade (2012) acreditam que o tipo de constituinte envolvido na formação de palavras é apontado, na literatura morfológica, como a principal diferença entre a composição e a derivação, já que, segundo os autores, a composição faz uso de radicais e a derivação faz uso de afixos (2012:120). Os autores afirmam que nem sempre é fácil categorizar um formativo como radical ou afixo e por essa razão declaram que não há um limite rígido entre os dois principais processos de formação de palavras. Mostram, utilizando como base teórica, Baker (2000) e Ralli (2007), que “as unidades envolvidas na formação de palavras podem ser dispostas num *continuum* morfológico determinado tanto por propriedades estruturais quanto semânticas” (*op.cit.*, p:120). Assim, Gonçalves & Andrade (*op.cit.*) acreditam que os elementos morfológicos, independentemente de seu estatuto morfológico – radical, radical preso, *splinters*, xenoconstituintes¹⁰, afixoides, afixos – podem ser alocados em um *continuum* radical-afixo, já que afirmam que tais elementos morfológicos são de difícil categorização. Assim, fazem uma análise do estatuto morfológico dos afixoides, *splinters*, xenoconstituintes e reduções resultantes de processos de *clipping* e checar o estatuto desses tipos morfológicos. Para realizar a tarefa, lançam mão de 11 critérios que diferenciam radicais prototípicos de afixos prototípicos, numa tentativa de observar suas características morfológicas. Usaremos esses mesmos critérios para analisar, no capítulo quatro, os dois elementos neoclássicos estudados

¹⁰ Segundo Gonçalves & Almeida (2011:108), os xenoconstituintes são *splinters* do inglês utilizados para criar novas palavras na língua tomadora, já que podem ser adjungidos a formas vernáculas. Esses elementos morfológicos, em decorrência de sua ampla difusão e disseminação pela *internet*, acabam se comportando como formativos também na língua tomadora. No entanto, apresentam diferentes graus de produtividade e a maioria ainda não está completamente nativizada. Para os autores, elementos como *cyber-*, *e-*, *wiki-* e *-leaks*, são *xenoconstituintes*.

nesta dissertação. Os autores declaram que “o estabelecimento de critérios empíricos pode ser útil na tentativa de se reconhecerem as principais características de afixos e radicais mais prototípicos” (2012:121).

Gonçalves & Andrade (2012) afirmam que, embora os critérios sejam eficientes, podem ser questionados com exceção do primeiro. Ressaltam que “as propriedades mapeadas realmente se aplicam aos representantes mais centrais dessa classe de elementos morfológicos” (p. 123). Ao terminar a análise dos elementos morfológicos (afixoides, *splinters*, xenoconstituintes e reduções resultantes de processos de *clipping*) estabelecem um *continuum* entre radicais presos e afixos (p. 128):



Gonçalves & Andrade (2012: 135) classificam a recomposição como um processo morfológico que faz uso de afixoides, os quais, segundo os autores, são elementos neoclássicos caracterizados pela compactação do significado de um composto de que eram constituintes. Para Gonçalves & Andrade, afixoides compartilham propriedades de afixos e de radicais, o que dificulta a categorização como compostas ou derivadas as novas formações de que participam, justificando assim, a proposta de *continuum* morfológico. Os

afixoides, segundo eles, podem aparecer apenas no interior de palavras morfológicamente complexas, como formas presas, a exemplo de *eco-*, *auto-*, *tele-*, *bio-*, *agro-*, *aero-*, *petro-*, *tecno-*, ou podem, pelo processo de truncamento, ser utilizados sozinhos, como *homo-* *moto-* e *foto-*. Os autores observam que o volume de formas presas, que se comportam como afixos, é bem maior que o das formas potencialmente livres, que se assemelham a radicais. Observam que os afixoides realmente ostentam propriedades de radical e afixo, não se nivelando com nenhuma dessas duas categorias, já que apresentam características próprias, fato que legitima o reconhecimento de uma classe distinta de formativos (Gonçalves & Andrade, 2012:137).

Os autores estabelecem critérios empíricos que servem de parâmetro para diferenciar radicais de afixos; mostram que uma categorização baseada em protótipos é mais condizente com a heterogeneidade tipológica do sistema de formação de palavras do português. Acrescentam, ainda, que os “novos constituintes morfológicos desafiam a interpretação tradicional do fenômeno da criação lexical” (2012:141), pois os formativos estudados por eles não são de uso esporádico, apresentando variados graus de aplicabilidade. Os autores ressaltam que:

uma classificação nos moldes aristotélicos, feita com base no tudo-ou-nada, não consegue acolher uma gama variada de formativos envolvidos na criação de palavras em português, uma vez que pressupõe que as categorias (a) são definidas por um conjunto de propriedades necessárias e suficientes, (b) têm fronteiras claramente definíveis e (c) são constituídas por membros com idêntico estatuto. (*op.cit.p:142*)

Concluem o texto, mostrando que

uma proposta de investigação baseada na noção de prototipicidade é preferível porque (a) as categorias não têm fronteiras claramente demarcadas e, por isso mesmo, podem mudar com o decorrer do tempo e (b) nem todos os representantes da classe têm idêntico estatuto: alguns são mais centrais e outros, mais periféricos. Portanto, a categorização com base em protótipos e por meio de

continuum se mostra mais condizente com a heterogeneidade tipológica do sistema de formação de palavras do português, uma vez que as fronteiras entre os vários tipos de formativos não são tão nítidas e alguns elementos se encaixam numa categoria com mais precisão que outros. (*op.cit.p:142*)

Acreditamos, como os autores, que uma análise baseada em protótipos é mais adequada para analisar nossos formativos. Na próxima seção, explicitamos como as noções de protótipos, *continuum* e categorização são indispensáveis em nossa análise.

3.1 Por que um *continuum* morfológico?

Há autores que analisam os elementos morfológicos e suas respectivas categorias com base nessa noção de prototipicidade, propondo que as diversas categorias são, na verdade, escalares. Nessa linha de análise, encontramos morfólogos como Gonçalves (2005, 2011), Bauer (2005), Kastovsky (2009), Gonçalves & Andrade (2012). Esses autores acreditam que uma análise baseada em protótipos, ao invés de categorias discretas, é bem mais viável à morfologia das línguas naturais. Assim, Gonçalves (2005, 2011) propõe que os processos de formação de palavras do português devem ser acomodados em um *continuum* morfológico e os elementos devem ser analisados em função do grau de pertencimento à categoria.

Ferrari (2011:31) define a categorização como “o processo através do qual agrupamos entidades semelhantes (objetos, pessoas, lugares) em classes específicas”. A autora declara que “nossas estratégias de categorização estão intimamente relacionadas à nossa capacidade de memória”, já que “podemos agrupar objetos em categorias para falarmos do mundo, mas não podemos criar um número infinito de categorias, pois isso acarretaria em sobrecarga em termos de processamento e armazenamento de informações” (*op. cit. p:32*). A

autora explica que, de acordo com o modelo clássico de categorização, para que um elemento faça parte de uma determinada categoria, deve possuir todos os atributos definidores dessa mesma classe. A autora toma, como exemplo, os membros da categoria AVE:

os membros da categoria AVE devem “ter bico”; “ter duas asas”; “ter dois pés”; “ter pernas”; “poder voar”; colocar ovos”. Sendo assim, para que um animal possa ser considerado uma AVE, deve apresentar todos esses atributos (condição necessária); além disso, basta que o animal apresente exatamente esses atributos (condição suficiente). Assim, enquanto gaivotas e pardais seriam indiscutivelmente membros da categoria AVE, os pinguins precisariam ser excluídos da categoria, por possuírem asas atrofiadas com função de nadadeira e não possuírem pena. (*op.cit. p:33*) (*grifos da autora*)

A categorização aristotélica, baseada em tudo ou nada, não é conveniente para categorizar os elementos morfológicos do português, já que existem formativos que exibem mais atributos definidores da classe que outros. Os elementos morfológicos *eco-* e *homo-* são bons exemplos de elementos difíceis de categorizar, pois exibem características tanto derivacionais quanto composicionais. Se fôssemos tentar categorizá-los nos moldes aristotélicos, esses elementos não se encaixariam em nenhum dos dois processos de formação de palavras por completo. Por essa razão, em vez de atribuir um rótulo a eles, é mais vantajoso observar o seu grau de pertencimento às categorias mais centrais, *afixo* e *radical*, procurando observar de que lado estão mais próximos.

Ferrari, ao abordar a categorização de objetos, chega às seguintes conclusões (*op.cit. p:39*):

(i) As categorias não representam divisões arbitrárias de entidades do mundo, mas surgem baseadas em capacidades cognitivas da mente humana.

(ii) Categorias de cores, formas, mas também organismos e objetos concretos, são ancorados em protótipos conceptualmente salientes, que desempenham papel crucial na formação dessas categorias.

(iii) As fronteiras das categorias cognitivas são imprecisas por limites rígidos, mas há uma zona de intersecção.

A autora ressalta que a categorização apresenta níveis de inclusão; assim, um dos níveis funciona como **o nível básico de especificidade**.

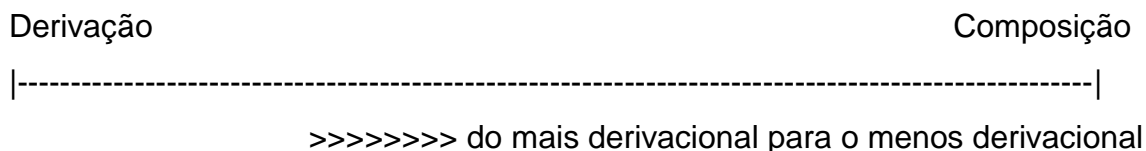
Segundo ela,

o nível básico de categorização apresenta características específicas que lhe conferem *status* especial, e pode ser definido como nível máximo no qual: (i) os indivíduos usam padrões de comportamento motor para interagir com os membros da categoria, (ii) uma imagem mental única pode representar toda a categoria, (iii) os membros da categoria têm formas globais percebidas como similares; (iv) a maior parte das informações úteis e do conhecimento dos falantes sobre os membros da categoria são organizados. (*op.cit.* p:39)

Ferrari afirma que entre os protótipos e as fronteiras categoriais, há os membros intermediários que são organizados em termos de uma escala de prototipicidade. (*op.cit.* p:41). Afirma que “a organização categorial envolve desde representantes mais centrais, com suficiente similaridade ao protótipo, até representantes muito periféricos, que constituem efeitos do protótipo e apresentam poucos traços em comum com o núcleo categorial” (*op.cit.* p:41). Ressalta, por fim, que o exemplar mais prototípico de uma categoria também pode depender do contexto de uso e que “os membros centrais dependentes do contexto podem ser completamente diferentes dos protótipos não contextualizados”. (*op.cit.* p:43).

Assim, em uma análise baseada na noção de *continuum* morfológico, como a aqui contemplada, não precisamos mais nos valer das categorias discretas, já que os exemplares são dispostos numa escala com base no

maior/menor número de atributos que compartilham com os extremos prototípicos, como na figura abaixo:



3.2 Gramaticalização: evidência da flexibilização de fronteiras

Processos de gramaticalização evidenciam a possibilidade de elementos morfológicos poderem transitar da composição para a derivação, sendo bastante numerosos os exemplos históricos desse percurso nas línguas naturais. A gramaticalização implica alterações morfológicas (mudança de classe de palavras), semânticas (alteração de sentido) e sintáticas (mudança de contextos e funções nas relações entre palavras). *Eco-* e *homo-* estão mudando morfossemanticamente, pois esses elementos passaram a morfemas gramaticais por necessidades semântico-pragmáticas.

Citando Hopper & Traugott, Neves (1997) define a gramaticalização como o processo pelo qual itens e construções gramaticais passam, em determinados contextos linguísticos, a servir a funções gramaticais, e, uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver novas funções gramaticais. Os autores indicam duas perspectivas de estudo da gramaticalização, a histórica, que estuda as origens das formas gramaticais, bem como as mudanças típicas que as afetam, e a perspectiva sincrônica, que estuda o fenômeno em questão do ponto de vista de padrões fluidos de uso linguístico. Para eles, todas as partes da gramática estão sempre sofrendo mudanças, e, por essa razão, os fenômenos gramaticais em geral podem ser pensados como envolvidos na

gramaticalização e os casos de itens lexicais que tomam função gramatical são considerados casos prototípicos de gramaticalização.

Gonçalves (2007:79), aludindo a Hopper (1991), para quem a “gramática de uma língua é sempre emergente, ou seja, estão sempre surgindo novas funções, valores e usos para formas já existentes e, nesse processo de emergência, (...) é possível reconhecer graus variados de gramaticalização que uma nova forma vem a assumir nas novas funções que passa a executar”, sendo necessário, então, “identificar os primeiros estágios do processo de mudança”. Assim, os princípios em questão identificam o processo em seu estado incipiente, ou seja, em seu estágio inicial. Hopper (1991), propõe cinco princípios que atuam nos estágios iniciais de gramaticalização, afirmando que estes respondem à questão do ‘mais’ ou ‘menos’ gramaticalizado, não do ‘dentro’ e ‘fora’ da gramática, ou seja, os princípios não são utilizados para verificar se os elementos analisados pertencem ou não à gramática. Mais que isso: “não discriminam entre os processos de mudança que resultam em gramaticalização e os que não resultam” (Gonçalves *et. al*, 2007:79). O autor admite que os limites entre fenômenos lexicais e gramaticais são muito difusos. Ao apresentar os princípios, Hopper afirma que seu objetivo é suplementar a caracterização proposta por Lehmann (1985), na qual se indicam alguns processos que caracterizam a gramaticalização. Segundo Hopper (1991), a caracterização proposta por Lehmann só dá conta da gramaticalização que se encontra em um estágio bastante avançado e que já é reconhecido. Os cinco princípios de gramaticalização sugeridos por Hopper são: *estratificação, divergência, especialização, persistência e descategorização*. Esses princípios são assim definidos por Gonçalves *et. al* (2007:79) :

a) **Estratificação (*layering*):** em um domínio funcional amplo, novas ‘camadas’ estão sempre emergindo e coexistindo com as antigas. A estratificação não surge com o intuito de eliminar as formas antigas e substituí-las pelas novas, mas surge justamente para acumular, em um mesmo domínio funcional, as formas sutilmente diferenciadas, ou seja, formas novas e antigas coexistem com, aproximadamente o mesmo significado. Em outras palavras, a estratificação é a existência de camadas em um domínio funcional: Nós x a gente no português brasileiro.

b) **Divergência:** é um tipo especial de camada. Esse princípio dita que a unidade lexical que dá origem ao processo de gramaticalização pode manter suas propriedades originais, preservando-se como item autônomo, e, assim, estar sujeita a quaisquer mudanças inerentes a sua classe, inclusive sofrer uma nova gramaticalização. Esse princípio explica a existência de formas etimologicamente iguais, porém funcionalmente divergentes. Em outras palavras, a divergência é a permanência da forma lexical como um elemento autônomo que pode experimentar mudanças, como, por exemplo o advérbio “agora” que pode ser: advérbio, conectivo de oposição ou operador argumentativo.

c) **Especialização:** este princípio tem relação direta com a questão do estreitamento da escolha de formas pertencentes a um mesmo domínio, ou seja, relaciona-se com o estreitamento de opções para se codificar determinada função, à medida que uma dessas opções começa a ocupar mais espaço porque é a gramaticalizada. Uma das consequências da especialização é o aumento da frequência de uso da forma mais adiantada no processo de gramaticalização, o que leva ao que Lehmann denomina princípio da

obrigatoriedade de uso ao final do processo de gramaticalização. Um exemplo de especialização é o “mente” que, gramaticalizada, adquiriu um significado mais geral.

d) **Persistência:** este é o princípio que prevê a manutenção de alguns traços semânticos da forma-fonte na forma gramaticalizada, o que pode ocasionar restrições sintáticas para o uso da forma gramaticalizada. Em outras palavras, quando uma forma passa de uma categoria lexical a uma categoria funcional, alguns dos traços do seu sentido lexical original persistem. Em outras palavras, a persistência é a permanência de traços do significado da forma original.

e) **Descategorização:** por esse princípio, a forma em gramaticalização pode perder ou neutralizar as marcas morfológicas e as sintáticas que caracterizam as formas plenas, como nomes e verbos, assumindo atributos das categorias secundárias, mais gramaticalizadas (como os advérbios, pronomes, preposições, clíticos, afixos), podendo, em alguns casos, chegar a zero.

3.2.1 A gramaticalização nos formativos *eco-* e *homo-*

A mudança semântica se evidencia na substituição do significado etimológico por um outro sincronicamente mais relevante do ponto de vista discursivo-pragmático: é o que vem ocorrendo com *eco-* e *homo-*, ressemantizados a partir das formas gatilhos ‘ecologia’ e ‘homossexual’, respectivamente. Segundo Oliveira & Gonçalves (2011:182), esses compostos designam entidades que começaram a ter grande relevância nas duas últimas décadas.

Heine *et. al.*(1991:29/30) afirmam que

a noção de gramaticalização, afinal, tem relação direta com a noção de que as gramáticas fornecem os mecanismos de codificação mais econômicos para aquelas funções da linguagem que os falantes mais frequentemente precisam cumprir. A motivação para a gramaticalização, por outro lado, está tanto nas necessidades comunicativas não satisfeitas pelas formas existentes, como na existência de conteúdos cognitivos para os quais não existem designações linguísticas adequadas, devendo observar-se, ainda, que novas formas gramaticais podem desenvolver-se a despeito da existência de estruturas velhas funcionalmente equivalentes.”

Assim, *eco-* e *homo-* vêm, na atualidade, manifestar os significados que suas formas-gatilho já veiculavam. Esses elementos, numa espécie de metonímia, compactam o significado do composto neoclássico em sua primeira parte – nos formativos em questão – e, a partir de então, começam a formar novas palavras na língua. Devemos entender que o ocorrido foi a ‘substituição do todo pela parte’, ou seja, ‘a parte inicial representa o todo’, já que ‘*eco-* e *homo-* representam, em significação, o sentido de todo o composto-gatilho original: ‘ecologia’ e ‘homossexual’, respectivamente. O que ocorre com essa mudança de sentido é o que Hopper (1991) chama de *especialização*: os formativos *eco-* e *homo-* passam por uma especialização de significado, não acusando mais o significado etimológico, mas o resultante da compressão; houve um estreitamento de opções, já que estes começaram a ocupar mais espaço que suas velhas estruturas, os radicais neoclássicos não gramaticalizados.

A mudança morfológica se evidencia nesses formativos porque estes ocupam mais espaço que os seus respectivos radicais e o fazem justamente por estarem gramaticalizados. Sendo assim, a frequência de uso de *eco-* e *homo-* com o novo significado é indiscutivelmente maior atualmente do que a frequência de uso com significado etimológico. Esse aumento na frequência de uso acaba remetendo a dois dos princípios de Lehmann discutidos em Gonçalves *et al* (2007:70): a *obligatoriedade* e a *fixação*. Os novos usos de

eco- e *homo-* têm sido tão frequentes que estão se tornando gradativamente obrigatórios e sua ordem já é, hoje, fixa. *Eco-* e *homo-* são fixos na margem esquerda das palavras, funcionando como modificadores das novas formações: a posição da cabeça lexical é à direita, o que define o padrão estrutural DT-DM (determinante-determinado), típico das derivações (GONÇALVES, 2005). Mas esse aumento na frequência de uso não elimina as estruturas antigas, pois *eco-* e *homo-*, com seus respectivos significados etimológicos, ainda são usados atualmente: *eco-* no único substantivo que preserva o sentido original do grego e *homo-*, em formações relativas à química . Vamos exemplificar usando o dicionário Houaiss (2009):

(04) *Economia*: administração de uma casa; organização etc.

(05) *Homocíclico*: ‘ designativo de composto de cadeia fechada que contenha somente um tipo de átomo como, por exemplo, o ciclo-hexano

Podemos, agora, exemplificar, com dados da nova camada que surgiu, a formação dos chamados nomes recompostos:

(06) *ecocidade*: cidade ecológica

(07) *ecotelhado*: telhado ecológico, verde

(08) *ecodicas*: espaço de troca de informações sobre ecologia e reciclagem

(09) *homoperseguidor*: aquele que persegue gays.

(10) *Homodireito*: direito dos homossexuais

(11) *Homoatleta*: atleta gay.

Aqui verificamos o que Hopper (1991) denominou de princípio da *estratificação*: surgiu uma nova camada, com um significado novo, mas esta não eliminou a estrutura etimológica: ambas coexistem atualmente. Nossos formativos eram, outrora, radicais neoclássicos, que atualmente estão se comportando funcionalmente como afixos, ou melhor, como prefixos, já que se fixaram na borda esquerda das novas formações, o que nos remete novamente a Hopper – o que ele chama de princípio de *descategorização* é o que parece ocorrer com os formativos em questão, já que estes estão passando de radicais a prefixos, ou seja, estão se transportando da categoria RADICAL para a categoria AFIXO.

Na recategorização, os itens lexicais se tornam itens gramaticais, ou, se já gramaticais, se tornam mais gramaticais ainda, mostrando assim, a unidirecionalidade do processo:

[Lexical] › [gramatical] › [+ gramatical]

A escala de gramaticalização mostrada reflete exatamente o que ocorre com os formativos *eco-* e *homo-*:

(Radical neoclássico) › (afixoide) › (afixo: prefixo).

Acreditamos que a recategorização e a morfologização ocorreram nos formativos aqui analisados devido ao mecanismo 'aumento de frequência de uso', pois estes elevaram sua frequência de uso por causa da alta relevância

cultural que a ecologia e o homossexualismo vêm adquirindo nas duas últimas décadas.

Acreditamos também que os formativos estudados estão passando pelo processo que Castilho (2010:74) denomina *reanálise*. A reanálise permite a criação de novas formas gramaticais, à medida que, gradualmente, altera as fronteiras de constituintes em uma expressão, levando a forma a ser reanalisada como pertencente a uma categoria diferente da original. Langacker define o mecanismo de reanálise como uma '*mudança na estrutura de uma expressão ou classe de expressões que não envolve qualquer modificação imediata ou intrínseca em sua manifestação de superfície*'. (apud, Gonçalves et alii, 2007). Para Gonçalves et alii (op.cit), os processos metonímicos e a reanálise encontram-se diretamente relacionados, porque abdução (apagamento dos limites entre determinados constituintes) leva à reanálise, que modifica representações subjacentes, sem que haja alterações na estrutura superficial, sejam estas sintáticas ou morfológicas, e leva a mudança de regras. Um dos principais tipos de reanálise presentes na gramaticalização é a eliminação de fronteiras entre duas ou mais formas morfológicas no processo de desenvolvimento de novas categorias gramaticais. Assim, outrora tínhamos as categorias RADICAL e AFIXO, e atualmente, por causa da eliminação de fronteiras morfológicas e, também por causa da reanálise, temos uma nova categoria morfológica: AFIXOIDE. Podemos representar em um *continuum* esses tipos morfológicos:

[RADICAL] › [AFIXOIDE] › [AFIXO].

Neves (1997 p:122) mostra que Heine & Reh (1984) propõem

“que os três níveis da estrutura linguística afetados pela gramaticalização – o funcional, o morfossintático e o fonético – em geral se arranjam na gramaticalização nessa mesma ordem cronológica: os processos funcionais (como dessemantização, expansão, simplificação) precedem os morfossintáticos (como permutação, composição, cliticização, afixação), que precedem os fonéticos (como adaptação, fusão e perda)”.

Assim, as alterações em um nível acompanham as alterações em outros. Na trilha desses autores, podemos afirmar que *eco-* e *homo-* começaram o processo de gramaticalização pelas mudanças semânticas (alteração de sentido, especialização e metonímia), logo após passaram as mudanças morfológicas (morfologização, reanálise, descategorização), restando somente as fonológicas a serem analisadas. Neves (1997), recorrendo a Lichtenberk (1991:127), mostra três conseqüências prototípicas decorrentes da gramaticalização:

- a) Emergência de uma nova categoria gramatical;
- b) Perda de uma categoria existente;
- c) Mudança no conjunto de membros que pertencem a uma categoria gramatical.

Esses três processos são historicamente ligados: quando os itens linguísticos assumem novas propriedades, tornam-se membros de novas categorias, ou seja, ocorre uma reanálise categorial; essa reanálise é abrupta, já que um mesmo elemento não pode fazer parte de duas categorias gramaticais distintas, embora diferentes ocorrências de um item lexical possa exibir propriedades características de diferentes categorias, isto é, propriedades da categoria velha e propriedades da categoria nova. Por outro lado, uma forma que exibe, por exemplo, características de uma categoria lexical pode começar a perder essas características, não simultaneamente,

mas uma após a outra: a forma nova não extingue a forma velha imediatamente, mas começa a ser usada como variante cada vez mais frequente, até substituir completamente a forma velha. Assim, observamos que as consequências apontadas por Lichtenberk (1991) se aplicam aos nossos formativos, pois:

a) tornaram-se exemplares de uma nova categoria gramatical: AFIXOIDES; mas, b) ainda não perdemos a categoria que já existia, a dos RADICAIS, pois estes ainda existem e são usados com relativa frequência, sobretudo *homo-*, e c) houve alteração no conjunto de membros, já que *eco-* e *homo-* mudaram de categoria gramatical.

4. APLICAÇÃO DE CRITÉRIOS EMPÍRICOS NA DETERMINAÇÃO DO ESTATUTO MORFOLÓGICO DE ECO- E HOMO-

Neste capítulo, faremos a análise dos elementos morfológicos *eco-* e *homo-* usando, como base teórico-metodológica, o trabalho de Gonçalves & Andrade (2012). Dos 11 critérios usados pelos autores para diferenciar afixos de radicais, aplicamos 9. Não usamos o critério (h), pois este, por se referenciar à classe dos afixos e dos radicais como um todo, não serve para analisar elementos morfológicos individuais, como é o caso de *eco-* e *homo-*. Além disso, fundimos os critérios (i) e (j), por percebermos neles forte semelhança. Recorremos aos critérios dos autores a fim de decidir se os elementos morfológicos *eco-* e *homo-* apresentam feição mais derivacional ou mais composicional, ou seja, se se comportam mais como prefixos ou como radicais na língua portuguesa contemporânea.

4.1 Eco- e homo-: radicais, afixos?

O primeiro critério que diferencia afixos de radicais (Gonçalves & Andrade, 2012:122) é assim enunciado pelos autores:

(a) “[afixos] são regidos por fortes restrições posicionais, aparecendo numa posição predeterminada na estrutura das palavras, vindo daí a distinção entre os vários tipos de afixos encontrados nas línguas do mundo: prefixo, sufixo, infixo, circunfixo, suprafixo, interfixo, confixo etc.” (GONÇALVES & ANDRADE, 2012:122)

Por esse critério, *eco-* e *homo-* são semelhantes a afixos, já que se fixaram em uma borda pré-determinada na estrutura das palavras: aparecem à esquerda em todos os 193 dados coletados, como pode ser constatado nos

anexos, em que constam todos os itens lexicais que compõem nosso *corpus*. A seguir, exemplificam-se dois deles:

(12) ecoambiental

(13) homoviolência

De acordo com o segundo critério empírico, afixos (*op.cit* 2012:122)

(b) “constituem formas presas, isto é, são partes integrantes de palavras, não funcionando sozinhas como comunicação suficiente, nos termos de Bloomfield (1933), por só se manifestarem quando combinadas a outras formas, presas (‘sapat-eiro’) ou livres (‘mes-ário’)”. Por esse critério, temos uma diferença entre os dois elementos em análise: *eco-* realmente não pode funcionar sozinho, já que é uma forma presa, não estabelecendo, sozinho, comunicação suficiente. Observem-se os dados a seguir, criados com o propósito de exemplificar a dependência de *eco-*:

(14) “Hoje eu vou para a ‘eco’, você vai?”

“Hoje eu vou para ‘ecocidade’, você vai?”

No exemplo em (14), observamos que *eco-* não tem sentido sozinho, não tem autonomia formal nem semântica, ou seja, é uma forma presa, pois só aparece no interior de palavras morfologicamente complexas. Não podemos dizer o mesmo de *homo-*, já que este, pelo processo de truncamento, funciona como forma de livre curso na língua, podendo até receber flexão de número (exemplos igualmente criados):

(15) Ana e Paula são *homos*.

(16) Atualmente os *homos* têm os mesmos direitos que os héteros: podem se casar e adotar crianças.

Pelo segundo critério, *eco-* se assemelha mais a um afixo, enquanto *homo-* se assemelha mais a um radical, pois pode ser utilizado sozinho em referência a todo o composto de onde foi extraído. Vamos ao terceiro critério (*op.cit* 2012:122):

(c) “por serem presos, [afixos] não formam palavras prosódicas independentes. Dito de outra maneira, são elementos que, em geral, não projetam, sozinhos, vocábulos fonológicos próprios, realizando-se, com a forma a que se agregam, sob um único acento”. Como nos mostram Gonçalves & Andrade (2012:122), “os constituintes de um recomposto claramente se realizam em palavras prosódicas diferentes”. Os formativos *eco-* e *homo-*, pelo critério (c), são mais semelhantes a radicais, já que estes têm acento próprio, ou seja, são palavras prosódicas independentes, mesmo que seus acentos, nesse caso, sejam secundários em relação ao acento da base a que se ligam:

(17) *eco*atitude; *eco*linguístico; *eco*pátio; *homo*atleta; *homo*direitos

Nesse caso, temos uma palavra morfológica, mas duas palavras prosódicas, o que coloca os dois elementos morfológicos aqui analisados mais próximos da composição. Segundo Câmara Júnior (2004:63), o acento na língua portuguesa tem tanto função distintiva quanto delimitativa, visto que “no

registro formal da pronúncia padrão do português do Brasil há a rigor uma pauta acentual para cada vocábulo”. Temos em *eco-* etimológico uma vogal média fechada [e] na posição pretônica enquanto no *eco-* atual temos sistematicamente uma vogal média aberta, [ɛ], o que indicia um grau de acento e, por isso mesmo, tal sílaba funciona como subtônica, sendo representada pelo índice 2, utilizado em referência à segunda sílaba mais forte de um grupo de força. A pretônica de ‘ecologia’ recebe o valor 1, como pode ser constatado nos seguintes exemplos, em que a pauta acentual das palavras é feita conforme proposta de Câmara Jr.:

(18) <i>ecoponto</i>	<i>ecologia</i>
2 0 3 0	1 1 1 3 0

Nesse exemplo, a tônica de *eco-* perde um grau de acento por figurar à esquerda. Assim, a abertura da vogal média sinaliza a existência de palavra prosódica, constituindo, o elemento inicial, apesar de preso, um vocábulo fonológico independente. Esse critério, portanto, aproxima tanto *eco-* quanto *homo-* da classe dos radicais.

O critério (d) nos mostra que afixos (*op.cit* 2012:122): (d) “são elementos mais estáveis, com função sintática e semântica pré-determinada”. Pelo critério (d), *eco-* e *homo-* estariam mais perto dos afixos, pois ambos têm função sintática e semântica pré-determinada. Em relação à função semântica, *homo-* sempre atualiza o significado de “gay” em todos os recompostos que forma. *Eco-* atualiza os significados de “reciclagem”, “ecológico”, ambos relacionados ao significado mais genérico de “meio ambiente”. No caso de suas funções

sintáticas, *homo-* sempre cria substantivos ou adjetivos, não alterando nunca a classe gramatical do produto, ou seja, se o elemento de segunda posição era, antes do processo, um substantivo, continuará sendo substantivo depois de sua adjunção. O mesmo ocorre com *eco-*, que produz substantivos de substantivos e adjetivos de adjetivos:

(19) homopirata (adjetivo); homodireitos (substantivo);

(20) ecotítulos (substantivo); ecopicareta (adjetivo);

Observamos que o significado dessas formas é composicional, pois em ‘homoestressado’ temos o significado “gay extremamente estressado”; em “homodireitos”, “direitos dos homossexuais”, o que ocorre também nas estruturas em *eco-*: ‘ecotítulos’ (“títulos dados a empresas que investem na preservação do meio ambiente”), ‘ecopicareta’ (“pessoa desonesta que desvia verbas públicas destinadas ao tratamento de questões ambientais”).

O critério (e) nos relata que afixos (*op.cit* 2012:122): (e) “servem para criar séries de palavras, apresentando grande potencial de aplicabilidade na formação de novas unidades lexicais”.

Os formativos *eco-* e *homo-*, por este critério, são considerados mais derivacionais, pois criam palavras em série, caracterizando-se como elementos de alta aplicabilidade no atual estágio da língua. O *corpus* de *eco-* é constituído de 158 dados e *homo-*, de 35 novas formações, o que evidencia a produção em série nos dois formativos, que têm grande potencial de aplicabilidade por se anexarem a um grande número de substantivos ou adjetivos. Para Sandmann (1989), a aplicabilidade é uma das principais diferenças entre a composição e a

derivação, ideia compartilhada, entre outros, por Alves (2007) e Gonçalves (2011a).

Pelo critério (f), afirma-se que afixos (*op.cit* 2012:122):

(f) “atualizam significados mais largos, passíveis de combinação com um número maior de formas da língua”. Os significados de *eco-* e *homo-* são menos genéricos que os significados veiculados por prefixos: nas novas formações, os significados são mais lexicais, já que não veiculam os significados mais tipicamente encontrados nos prefixos, que tendem a equivaler a (a) adjetivos, (b) advérbios ou (c) preposições (GONÇALVES, 2012:150). Assim, por esse critério, os dois elementos são mais semelhantes a radicais por serem mais densos semanticamente:

(21) *ecoponto*: local onde é colocado lixo que pode ser reciclado, como garrafas, vidro, plásticos etc.

(22) *ecocidade*: conjunto urbano que compartilha a ideia consciente de transformação da cidade, visando diminuir a destruição da natureza.

(23) Acaba de acontecer o último homoescândalo (“escândalo gay”): homossexual enciumado se transforma em um homoagressivo, (“aquele que agride a um gay”) ao ver seu noivo jantando a ‘luz de velas’ com o seu sócio. O agredido relatou que desmanchou o relacionamento e que vai fazer homoterapia (“terapia para gays”).

Pelo critério (g), afirma-se que afixos, “recorrentemente, atribuem a mesma ideia a todas as formas a que se vinculam. Com efeito, os itens lexicais resultantes tendem a ser interpretados composicionalmente, isto é, pela soma dos significados das partes que os constituem” (GONÇALVES & ANDRADE, 2012:122).

Por esse critério, *eco-* e *homo-* comportam-se da mesma maneira, pois as novas formações não são lexicalizadas (opacas, entrincheiradas), já que a interpretação do produto passa, de uma forma ou de outra, pela interpretação dessas partículas:

(24) Ecofraldas- fraldas feitas de produtos reciclados (ecologicamente correta).

(25) Ecofeira- feira ecológica que contém alimentos integrais e orgânicos

(26) Homoviolento- homossexual violento

Então, por esse critério, *homo-* e *eco-* estariam mais próximo da derivação, pois seu significado é estável nas novas formações.

O critério (i) estabelece que afixos, “impõem restrições semânticas e sintáticas sobre o constituinte a que se agregam. Em outras palavras, selecionam a categoria lexical (substantivo, adjetivo, verbo) e a classe semântica (por exemplo, abstrato/concreto; animado/inanimado; contável/ não-contável) do constituinte com que se combinam” (GONÇALVES & ANDRADE, 2012: 123). Por esse critério fazer referência aos elementos com os quais as peças morfológicas se combinam, achamos melhor analisá-los também em função do que Gonçalves & Almeida (2012) chamam de combinalidade: tipo de elemento morfológico a que se agregam as partículas sob análise.

Por esse critério, *eco-* estaria mais próximo ao polo da composição, pois observamos que se combina com palavras de livre curso na língua, mas

também com *splinters*¹¹ e com radicais neoclássicos que hoje se comportam como sufixos, não impondo restrição sobre o constituinte a que se agrega:

(27) **ecocida, ecólogo, ecocídio, ecocard, ecoart, ecólatra**

Já *homo-*, ao contrário, só se liga a bases livres, ou seja, só se combina com palavras e não com afixos, radicais presos, *splinters* ou sufixos:

(28) **homopedagogia, homoadoção, homoprofissão.**

Além de só se combinar com bases livres, *homo-*, em todos os dados recolhidos, se agrega a substantivos ou a adjetivos. Assim, diríamos que *eco-* se comporta como radical ao passo que *homo-* se comporta como um afixo, mais precisamente como prefixo, cuja variável lexical com que se articula é a palavra (VILLALVA, 2000:25). Prefixos só se combinam com palavras enquanto radicais e formas combinatórias apresentam um leque bem maior de partículas morfológicas com que se articulam (GONÇALVES, 2011a).

Para finalizar a análise, vamos ao critério (k), no qual se afirma que afixos (*op.cit* 2012:123) (k) “não são sensíveis às regras de redução de coordenação (Coordination Reduction – CR), quer para trás (BCR), quer para frente (FCR)” (cf. KENESEI, 2007: 10).

O critério em (k) nos mostra que afixos não podem ser apagados em estruturas de coordenação de termos. Radicais, por outro lado, podem ser apagados, ou seja, palavras com conteúdo lexical podem ser suprimidas em

11 Segundo Gonçalves (2011:9), “*splinters* são pedaços de palavras utilizados com fins lexicais e geralmente resultam de processos de fusão vocabular (cruzamentos ou substituições sublexicais).”

construções de coordenação. Como nos mostram Gonçalves & Andrade (2012: 125), “afixoides são sensíveis à regra de redução de coordenação para frente, pois quando duas formas são postas em paralelo, a cabeça lexical da primeira pode não se realizar”. Então, por esse critério, *eco-* e *homo-* seriam mais semelhantes a radicais, uma vez que são igualmente sensíveis à redução em coordenação, como atestam os exemplos a seguir:

(29) *eco* e **biodegradável**; *eco* e **biossustentável**; *bio* e **ecorrenovável**.

(30) *homo* e **heterofóbico**; *homo* e **heteroadoção**; *homo* e **heterossexual**.

Os elementos *eco-* e *homo-* apresentam, pelos critérios estabelecidos acima, características distintas: *eco-* tem 5 características de afixo e 4 de radical, o que não nos permite categorizá-lo discretamente como afixo ou radical. Por sua vez, *homo-* também tem 5 características de afixo e 4 de radical, o que evidencia apresentarem esses elementos, por motivos diferentes, mais semelhança com a classe dos afixos (prefixos, mais precisamente):

Formativos/critérios	<i>Eco-</i>	<i>Homo-</i>
(a) Posição	Afixo	Afixo
(b) Boundedness	Afixo	Radical
(c) Relação Prosódia-morfologia	Radical	Radical
(d) Estabilidade Funcional	Afixo	Afixo
(e) Aplicabilidade	Afixo	Afixo

(f) Densidade Semântica	Radical	Radical
(g) Previsibilidade Semântica	Afixo	Afixo
(i) Combinabilidade	Radical	Afixo
(k)_Regras de redução de coordenação	Radical	Radical

A mudança que ocorreu com os formativos em análise não é aleatória: foram “reciclados” e recategorizados, pois precisávamos de itens morfológicos que expressassem culturalmente a importância que a ecologia e o homossexualismo vêm adquirindo nos últimos anos. A categoria existente (*eco-* e *homo-* como radicais neoclássicos) não comportava nossas necessidades culturais, de modo que reinterpretemos seus significados e recategorizamos suas formas: de radical neoclássico a elementos com atributos cada vez mais compatíveis com a classe dos prefixos. Ao fazer esse tipo de adaptação, influenciadas por outras conceptualizações, o que ocorreu por causa de uma necessidade de exteriorizar o que é relevante culturalmente.

Se fôssemos fazer um *continuum* morfológico dos formativos estudados nessa dissertação teríamos:

Derivação Eco- Homo- Composição

|-----|

>>>>>>> do mais derivacional para o menos derivacional

5. ABORDAGEM CONSTRUCIONAL

Nesta dissertação, pretendemos mostrar que os formativos *eco-* e *homo-* recebem um tratamento mais adequado se descritos e analisados à luz do modelo teórico denominado Morfologia Construcional. Esse modelo foi desenvolvido por Booij (2005, 2010), textos nos quais o autor apresenta uma introdução ao paradigma da Morfologia Construcional, descrevendo “*o papel do léxico nos processos de formação de palavras*” (GONÇALVES & ALMEIDA, 2013:1). Nos interessamos pela análise que o referido autor faz sobre a delimitação entre os processos de formação de palavras denominados composição e derivação, já que é dentro dessa delimitação que se encontram nossos formativos.

Utilizamos como base teórica os seguintes textos: (a) Booij (2005, 2010), que faz uma descrição do modelo teórico da Morfologia Construcional analisando a morfologia de sua língua, a saber, o holandês; e (b) Gonçalves & Almeida (2013), que se baseiam na análise de Booij (2010) para descrever morfossemanticamente alguns fenômenos morfológicos da língua portuguesa.

O modelo de Booij (2005, 2010) se insere no paradigma da Linguística Cognitiva e adapta a abordagem por construções de autores como Goldberg (1995) para a descrição da morfologia de sua língua. Booij acredita que uma abordagem construcional é mais adequada ao relacionar semântica, sintaxe, morfologia e léxico, já que há semelhanças de formação nos níveis da palavra e da frase. Em outros termos,

Se a gramática é simbólica e, por isso, necessariamente evoca padrões instanciados pelas formas, suas motivações são intrinsecamente cognitivas e, em função de sua organização não-modular, não há diferença de funcionamento entre os chamados níveis de descrição linguística (morfologia, léxico, sintaxe, fonologia) (GONÇALVES & ALMEIDA, 2013:8)

Booij (2005: 109) afirma que uma classificação adequada e a demarcação de fenômenos morfológicos é uma questão importante em manuais e livros didáticos de morfologia pois

o propósito primário de uma boa classificação é permitir que o linguísta faça generalizações sobre fenômenos linguísticos da melhor maneira possível. Através da atribuição de uma classe específica de construções linguísticas para o domínio (ou um dos subdomínios) da morfologia, com base em uma propriedade específica dessas construções, nos esforçamos para prever outros aspectos de seu comportamento gramatical, com base em uma teoria bem articulada de um subdomínio relevante. (*op.cit* p:109)¹²

O autor afirma que existem dois tipos de demarcações importantes na literatura morfológica: a primeira entre compostos e construções sintáticas e a segunda entre a flexão e a derivação. No entanto, Booij aborda, nesse texto de 2005, uma demarcação diferente das estabelecidas acima: entre a composição e a derivação. O autor diferencia os dois processos da seguinte maneira: “a composição consiste na combinação de dois ou mais lexemas, enquanto a derivação é caracterizada pela adição de um afixo, ou seja, um morfema preso, a um lexema” (*op.cit.* p:109). Acreditando que é necessário estabelecer critérios para determinar se um morfema deve ser considerado preso ou livre, ressalta que devemos observar se a diferença entre o fato de ser preso ou não correlaciona-se a outras diferenças, como as semânticas e as fonológicas, e como essas diferenças são contabilizadas. Booij (2005) destaca que a demarcação entre prefixação e composição é uma tarefa difícil na análise morfológica das línguas românicas. Afirma que existem morfemas que constituem palavras complexas e podem assumir diferentes significados

¹² *The primary purpose of a good classification is to enable the linguist to make the best generalizations possible about linguistic phenomena. By assigning a specific class of linguistic constructs to the realm of (one of the subdomains of) morphology on the basis of a specific property of those constructs, we endeavour to predict other aspects of their grammatical behavior, on the basis of a well-articulated theory of the relevant subdomain.*

quando usados como um lexema independente. A esse tipo de morfema, o autor denomina afixoide: “peças de compostos que ocorrem como lexemas, mas têm um significado específico e mais restrito, quando usado como parte de um composto.” (*op.cit.* p:113). O autor acrescenta que os afixoideis “são (afixos) não-coerentes que se comportam como palavras prosódicas, pois carregam o acento secundário.” (*op.cit.* p:114). O autor explica que a ascensão dos afixoideis é um caso típico de gramaticalização:

palavras de conteúdo tornam-se morfemas gramaticais. Como é sabido a partir de estudos de gramaticalização, a mudança semântica precede a mudança formal. No caso dos afixoideis, a mudança semântica já aconteceu, mas não há ainda nenhuma mudança formal: eles são formalmente como compostos reais, normalmente não há enfraquecimento fonológico envolvido. Observamos, também, os estágios característicos de gramaticalização: ao lado do uso limitado dessas palavras, sua utilização como lexemas independentes, com uma maior gama de significados, ainda é possível.¹³ (*op.cit.* p:114).

O autor enfatiza que o problema

teórico de não haver uma fronteira nítida entre composição e derivação afixal não é resolvido; no entanto, postular uma categoria de semi-afixos ou afixoideis é apenas uma descrição conveniente para o fato de a fronteira entre composição e derivação ser turva, mas em si mesmo não fornece uma explicação sobre a causa disso. O que precisamos é de um modelo de conhecimento morfológico que nos permitirá explicar esses fatos. (*op.cit.* p:114¹⁴).

Booij (2005) explica que a “gramaticalização evidencia que composição e derivação não podem ser vistas como dois mecanismos morfológicos completamente diferentes” e que a forte semelhança entre a composição e a derivação leva à conclusão de que afixos derivacionais não são componentes

¹³ *The rise of affixoids is a typical case of grammaticalization, content words becoming grammatical morphemes. As is well known from grammaticalization studies, semantic change precedes formal change. In the case of affixoids semantic change has already taken place, but there is no formal change yet: formally they are just like (real compounds), there is usually no phonological weakening involved. We also observe the layering that is characteristic of grammaticalization: besides the bound use of these words, their use as independent lexemes, with a greater range of meanings, is still possible.*

¹⁴ *The theoretical problem that there is no sharp boundary between compounding and affixal derivation is not solved, however by postulating a category of semi-affixes or affixoids; it is just a convenient description of the fact that the boundary between compounding and derivation is blurred, but does not in itself provide an explanation of why this is the case. What we need is a model of morphological knowledge that will enable us to explain these facts.*

da estrutura morfológica das palavras, assim como constituintes de compostos. Para o autor, “morfemas derivacionais funcionam como blocos de construção em estrutura morfológica” e que “a atribuição de estrutura de constituintes morfológicos de palavras derivadas por meio de derivação afixal parece ser bem motivada e tais palavras derivadas são estruturalmente semelhantes aos compostos” (op.cit. p:118):

Similares esquemas de construção intermediária entre os padrões completamente abstratos e as palavras individuais que são instanciações desse padrão podem ser usados para explicar o comportamento dos afixoides: são lexemas com um significado específico quando incorporado a uma estrutura composta. Podemos chamá-los de construções de expressões idiomáticas no nível morfológico ¹⁵ (op.cit. p: 120).

Acrescenta, ainda, que

O sufixo lexical é, por natureza, parte de um esquema abstrato e, portanto, é usado de uma forma mais geral, assim como os afixoides holandeses discutidos acima. A imprecisão semântica (branqueamento) aumenta e, a redução fonológica dos sufixos em comparação com os lexemas correspondentes são efeitos característicos da gramaticalização dos lexemas passando a afixos. ¹⁶ (op.cit. p:121).

E conclui que

A noção de "afixoide", desse modo, recebe uma interpretação formal em termos de padrões de vinculação no léxico e, portanto, não são vistos como apenas um termo teórico que introduz uma terceira classe de morfemas além morfemas lexicais e morfemas presos. Um afixoide é um lexema que ocorre em um subesquema de compostos em que a outra posição ainda é uma variável, ou seja, sem uma especificação lexical. Tais esquemas são intermediários entre compostos concretos individuais e esquemas totalmente abstratos para estruturas compostas. O significado específico e recorrente de

¹⁵ *Similar constructional schemas intermediate between completely abstract patterns and the individual words that are instantiations of that pattern can be used to account for the behaviour of the other affixoids mentioned above: they are lexemes with a specific meaning when embedded in a compound structure. We may call them constructional idioms at the morphological level.*

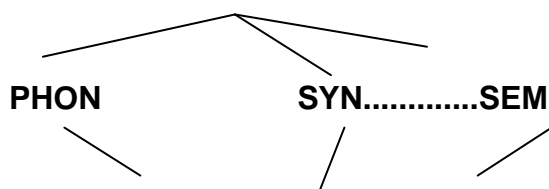
¹⁶ *The lexical suffix is by nature part of an abstract schema, and hence is used in a more general fashion, just like the Dutch affixoids discussed above. The increasing semantic vagueness (bleaching) and, in the case of Spokane, the phonological reduction of the suffixes compared to the corresponding lexemes are characteristic effects of the grammaticalization of lexemes into affixes.*

um lexema na estrutura de composto é especificado neste nível intermediário.¹⁷ (*op.cit.* p:124).

Booij, em seu texto de 2010, afirma que as palavras, no holandês, não são formadas por analogia e sim por esquemas abstratos, acreditando que os esquemas expressam generalizações da relação entre forma e significado em morfologia. Ressalta, inclusive, que os esquemas abstratos podem servir como ponto de partida para a criação de novas palavras. Esse novo modelo baseado em esquemas, segundo o autor, tem sido chamado de modelo de rede por Bybee (1995) e o autor acrescenta que essa denominação é respeitável, pois corrobora o jogo de relacionamento entre palavras no léxico. Booij assume a posição lexicalista de que a gramática natural da língua tem uma relativa autonomia lexical, ou seja, “os *output* das operações morfológicas podem ser listados no léxico” (*op. cit.*, p:3). Citando Jackendoff (1975), Booij afirma que os esquemas morfológicos têm a função de expressar propriedades previsíveis existentes nas palavras complexas e de indicar como o novo sistema consegue ser único. Ressalta, ainda, que as regras são orientadas para o *input* enquanto que os esquemas são orientados tanto para o *input* quanto para o *output*. Acrescenta que a noção de ‘esquema’ é muito geral na ciência cognitiva, pois estes “representam conceitos estocados na memória” (*op.cit.*, p:5). Para o autor, “as palavras são signos linguísticos que contém pareamento entre forma e significado” e que a forma das palavras tem duas dimensões: a forma

¹⁷ *The notion ‘affixoid’ thus receives a formal interpretation in terms of linking patterns in the lexicon, and is therefore not to be seen as a theoretical term that introduces a third class of morphemes besides lexical morphemes and bound morphemes. An affixoid is a lexeme that occurs in a subschema for compounds in which the other position is still a variable, that is, without a lexical specification. Such schemas are intermediate between concrete individual compounds and fully abstract schemes for compound structures. The specific and recurrent meaning of a lexeme in the compound structure is specified at this intermediate level.*

fonológica e as propriedades morfossintáticas (*op.cit*, p:5). O autor enfatiza que cada palavra é o pareamento de três tipos de informações (*op.cit*, p:5):



A morfologia afeta essas três dimensões das palavras.

Assim, o significado (SEM) pode abarcar o semântico e o pragmático. O autor afirma que a essência desse modelo é que cada nível representado acima é governado por princípios próprios, e que há interfaces entre os módulos específicos (*op.cit*, p:5). Para Booij (*op.cit*, p:26), as propriedades importantes de cada subclasse, isto é, as propriedades fonológicas, sintáticas e semânticas são herdadas através dos esquemas. O segundo caminho pelo qual a informação da palavra complexa pode ser herdada é pela palavra-base, pois ela também é parte da informação sobre a palavra complexa. Em outras palavras, na adição da herança de informação no léxico, o acesso ao esquema dominante é também herança de informação para a palavra complexa. (*op.cit*, p:26).

Booij acredita que há duas interpretações possíveis para herança: a primeira é que toda a informação herdada é omitida na entrada lexical da palavra; a segunda interpretação, que é assumida por ele e também por Jackendoff, é que a entrada lexical é especificada e o mecanismo de herança serve para computar qual é a informação relevante e qual é a redundante.

Assim, um constructo morfológico específico (palavra complexa) é licenciado por um esquema do qual é uma instanciação junto com a palavra complexa com o qual é unificado (*op.cit*, p:27). O Autor conclui que “a palavra é uma complexa peça de informação” (*op.cit*, p:6) e declara ainda que cada palavra listada no léxico tem como índice lexical a junção das três peças de informação da palavra (PHON, SYN, SEM) e que os afixos não têm índice lexical, pois não são palavras (*op.cit*, p:7). Acrescenta ainda que Goldberg (2006) inclui a categoria morfema na lista de construções, mas isso não é o correto, já que os morfemas não são signos linguísticos independentes, apesar da correlação forma-significado (*op.cit*, p:15). Para o autor, os morfemas fazem parte da construção, mas não são constructos; fazem parte dos esquemas, e só são acessíveis através do significado e da construção morfológica da qual participam (*op.cit*, p:15).

Booij (2010) conclui que a co-indexação dos afixos é de restrita relevância e somente é usada para correlacionar a informação fonológica com a posição morfossintática estrutural. Logo, o esquema morfológico é a relação sistemática entre os três gêneros da informação linguística envolvidos. (*op.cit*, p:8). Assim, a noção de interface se refere ao fato de as propriedades de um nível poder relatar propriedade de outro nível. Logo, a interface dos módulos especifica quais os tipos de informações morfológicas são acessíveis para a computação das propriedades fonológicas das palavras complexas, assim como a interface entre a morfossintaxe e a semântica: o princípio mais geral da relação entre a estrutura morfossintática e a semântica é o da Composicionalidade. Segundo esse princípio, o significado das palavras complexas é a função composicional do significado dos constituintes e de sua

estrutura. Assim, a construção morfológica é transportada de um significado específico e seus componentes não são derivados do significado de seus constituintes, ou seja, na construção morfológica, o significado do todo não é derivado do significado dos constituintes. A morfologia é, então, a gramática da palavra.

Ao abordar sobre a composição e a derivação, o autor afirma que esses dois processos de formação de palavras são os mais comuns, mas não são os únicos, já que existem outras formas de criar palavras, como, por exemplo, a formação por processos não-concatenativos¹⁸. No caso desses outros mecanismos de criar palavras, a estrutura morfológica não consegue representar a estrutura em termos constituintes, ou seja, os processos morfológicos não precisam ser representados em termos de estruturas de constituintes (2010:9).

Booij acredita que a diferença entre a derivação e a composição é uma questão de etiqueta lexical: na derivação, um dos constituintes, a forma presa, não tem etiqueta lexical e, nos compostos, as duas bases têm etiqueta lexical, já que ambas correspondem a palavras na língua. Assim, as bases são marcadas com um índice subscrito (χ e γ) que as identifica no léxico e os afixos, por serem formas presas, não são indexados por só se instanciarem quando vinculados a uma palavra. Booij (2010) afirma

que os morfemas não devem figurar em tal relação porque não consiste em um pareamento de forma e significado independente. O autor considera que, na verdade, incluir essa categoria na lista representa apenas uma reminiscência da morfologia baseada em morfemas. Logo, formativos fazem parte de esquemas morfológicos e sua contribuição significativa é acessível apenas por meio do

¹⁸ Segundo Gonçalves (2006:220) processos não-concatenativos são os processos morfológicos que fazem uso de dispositivos prosódicos para formar novas palavras, a exemplo do cruzamento vocabular (crentino, fusão de crente com cretino), do truncamento (refri, para refrigerante) e da reduplicação (chororó), entre outros.

significado da construção morfológica como um todo. (Gonçalves & Almeida, 2013:9).

De acordo com Booij (2005), a semelhança estrutural entre a composição e a derivação pode ser formalizada por meio de esquemas gerais de formação. O autor afirma que as unidades linguísticas são estruturas simbólicas e que não há diferença considerável entre palavras derivadas e compostas: *“todas essas unidades podem ser analisadas por meio de esquemas construcionais”* (Gonçalves & Almeida, 2012:110).

Esquemas construcionais expressam generalizações sobre conjuntos de palavras e podem ser usados para formar novos itens lexicais, como os recompostos, por exemplo. A existência de esquemas abstratos produtivos para palavras complexas não significa que estas palavras não são mais armazenadas no léxico (Booij, 2005:14). Nas palavras de Gonçalves & Almeida (2013:5), *“esquemas são padrões gerais de pareamento forma-conteúdo que captam características comuns entre várias instanciações específicas e podem ser usados produtivamente”*. Assim, esquemas são padrões gerais e agrupam características em comum entre vários itens, sejam essas características morfológicas ou semânticas.

Afirmam que

o critério seguido para a demarcação entre composição e derivação é a definição de suas unidades de análise: a composição é um mecanismo de concatenação de duas bases, enquanto a derivação é o resultado da adjunção de um afixo, exceto nos casos de conversão, subtração ou mudança na constituição fonológica da palavra-matriz (...). Para Booij (2005), no entanto, o problema da demarcação não é resolvido apenas com a unificação desses processos; torna-se necessário estabelecer parâmetros que levem determinado formativo a ser considerado preso ou livre, assim como observar se tal diferença também repousa em critérios semânticos e fonológicos e de que modo isso deve ser descrito e analisado.

Os autores (*op.cit.* p:6), adaptando a representação original de Booij (2005) à morfologia da língua portuguesa, mostram que a composição e a derivação (prefixal e sufixal) podem ser genericamente representadas pelos seguintes esquemas:

- (a) Composição: $[[X] \chi [Y] \gamma] s$
- (b) Sufixação: $[[X] \chi Y] \gamma$
- (c) Prefixação: $[X [Y] \gamma] \gamma$

Nos esquemas adaptados pelos autores, as variáveis X e Y representam as sequências fonológicas e os subscritos χ e γ , categorias lexicais. Os autores, através da adaptação e aplicação dos esquemas à morfologia do português, chegam às seguintes conclusões:

(a) O esquema geral dos compostos expressa a generalização de que a composição, independente da etiquetagem lexical de seus constituintes, sempre forma substantivos;

(b) O esquema geral da prefixação expressa que os prefixos sempre são neutros categorialmente, “sendo a classe gramatical das palavras prefixadas idêntica à de sua base, que constitui a cabeça formal”;

(c) Na sufixação, “no entanto, o elemento preso porta informação sintática e é cabeça categorial” (Gonçalves & Almeida, 2013:6).

De acordo com os autores (2013:6), “Booij acrescenta ao esquema da composição, uma especificação semântica genérica: 'Y com alguma relação com X'. Relacionada a essa especificação semântica, o autor atribuiu o

conceito de heterossema, que consiste na interpretação específica de itens lexicais polissêmicos que, em um determinado contexto, têm um significado específico dentre os tantos outros significados existentes. Esse significado, que deve ser o mais geral possível, facilita a construção de esquemas.

Booij (2010), usando o conceito de 'herança' proposto por Goldberg (1995), afirma que, no processo de formação de palavras, '*a polissemia pode proporcionar evidências para diferentes níveis de generalizações e graus de abstração em uma rede integrada de construções*' (Gonçalves & Almeida, 2013:15). O autor observa que a noção de herança *default* é crucial para o modelo de hierarquia lexical que propõe, já que a especificação da palavra por uma propriedade particular é inerente ao nó dominante a nós em que a entrada lexical atual tenha outra especificação para essa propriedade. Em outras palavras, o mecanismo da herança *default* é necessário porque é capaz de expressar que uma determinada palavra tem uma propriedade excepcional, embora seja regular em muitos outros aspectos (*op.cit*, p:27). Assim, Booij conclui que o significado do todo não é derivado do nó mais alto nem é necessariamente preservado, ou seja, nem toda a informação do nó mais alto é obrigatoriamente preservada (*op.cit*, p:28). Como o autor, também acreditamos que, numa abordagem polissêmica, há um significado mais geral que devemos ter como partida para elencar os demais significados específicos existentes numa determinada construção, numa tentativa de demonstrar, quais são os significados – desde os mais gerais até os mais específicos – podemos ter nos elementos morfológicos *eco-* e *homo-*.

Utilizando a Morfologia Construcional de Booij (*op.cit*), podemos analisar e descrever as formações em *eco-X* e *homo-X* por meio de esquemas de formação de palavras, já que,

Na gramática das construções (Goldberg, 1995), as unidades linguísticas são estruturas simbólicas convencionais. Desse modo, não há diferença substancial, por exemplo, entre palavras derivadas (*sapat-eiro*), compostos (*baba-ovo*) e expressões semi-abertas (*dar uma X-da*), uma vez que todas essas unidades, que são complexas, podem, igualmente, ser analisadas em suas estruturas de formação por meio de esquemas construcionais. (Gonçalves, 2011a: 4)

Os esquemas morfológicos podem ser interpretados como padrões sintáticos gramaticais ou expressões idiomáticas no nível da palavra e se assemelham às construções semiabertas, com uma posição fixa, lexicalmente preenchida (*eco-*, *homo-*), e outra aberta, representada por variáveis (X, Y). Acreditamos que tanto *eco-X* como *homo-X* se encaixam no esquema geral da prefixação: [X [Y] γ] γ. Nesse esquema, a base e o produto são indexados pela letra γ que representa a classe gramatical das palavras prefixadas.

O esquema geral da prefixação expressa que os prefixos sempre serão neutros categorialmente, sendo a classe gramatical das palavras prefixadas idêntica à de sua base, que constitui a cabeça categorial, morfológica e semântica, ou seja, “o elemento à esquerda é um afixo e, portanto, não deve ser listado no léxico por não constituir forma livre na língua”, nos termos de Gonçalves & Almeida (2013:12). Assim, se a base é um substantivo, o produto continuará especificado como substantivo depois de anexado o formativo.

As palavras-matrizes que desencadeiam as formações em série são, como *frisamos*, ‘*ecologia*’ e ‘*homossexual*’. Aqui, a relação existente entre a palavra matriz e os recompostos é de hiperonímia, já que as novas formações evocam as palavras-matrizes de onde se originaram. Além de serem hiponímicas, as novas formações utilizam um significado bem específico de

eco- e *homo-*, “barrando”, assim, a polissemia. Logo, os elementos em questão são heterossêmicos e hiperonímicos. Essas relações semânticas serão mais bem explicitadas adiante.

As construções *eco-X* e *homo-X* não só participam de esquemas de prefixação como também participam de um tipo de herança bem específico: a herança por subparte (GOLDBERG, 1995). Goldberg, em sua Gramática das Construções, cunha o conceito de ‘herança’ e o define como ‘*qualquer característica formal ou semântica que esteja na construção básica e se transfira para a construção decorrente*’. (GONÇALVES & ALMEIDA, 2013:15). A autora divide o conceito em quatro tipos: herança por polissemia, herança por extensão metafórica, herança por subparte e herança por instanciação. Reproduziremos aqui, o quadro explicativo do conceito de herança feito por Gonçalves & Almeida (p.15):

(a) Por polissemia (quando há relação entre um sentido específico de uma construção e alguma extensão desse sentido em outra);

(b) Por extensão metafórica (quando duas construções se relacionam por meio de mapeamento metafórico);

(c) Por subparte (quando parte de uma construção existe independentemente, constituindo outra construção); e, por fim,

(d) Por instanciação (quando uma construção instancia outra, apresentando mais elementos especificados).

Segundo Gonçalves & Almeida (*op.cit.* p: 15) “esses quatro tipos de herança, postulados para construções sintáticas, também caracterizam construções morfológicas.” Acreditamos que, nas construções em análise, a herança estabelecida é por subparte, já que parte da construção, ou seja, os

encurtamentos *eco-* e *homo-*, compactam o significado das palavras-matrizes 'ecologia' e 'homossexual' e formam novas construções. Segundo Gonçalves & Almeida,

Na ligação por subparte, uma construção corresponde a um pedaço de outra, constituindo uma porção independente da construção de que se origina. Bom exemplo desse tipo de herança na morfologia do português são os afixoides, formativos que participam do processo de recomposição (CUNHA & CINTRA, 1985; MONTEIRO, 1989). Nessa operação, um radical neoclássico se ressemantiza por metonímia e, ao se fixar em determinada borda da palavra, passa a ser utilizado em referência a uma construção de que era constituinte. (*op.cit.* p: 17)

De acordo com Gonçalves & Almeida (*op.cit.* p: 22), existem quatro propriedades gerais de esquemas que são importantes e relevantes na discussão sobre construções gramaticais:

1. esquemas possuem variáveis;
2. esquemas representam conhecimento (linguístico/enciclopédico) em todos os níveis de abstração;
3. esquemas são processos ativos;
4. esquemas podem ser embutidos, um dentro do outro.

Logo, podemos dizer, baseando-nos em Booij (2010), que construções morfológicas são esquemas com variáveis, com vários graus de abstrações e servem para criar novas palavras (*op.cit.* p:42). Assim, o esquema pode ser projetado por três caminhos: por instanciação (um esquema pode ser instanciado por subesquemas), por unificação (criando esquemas derivados) e paradigmaticamente (com assimetrias sistemáticas entre forma e sentido).

Ainda segundo Gonçalves & Almeida (*op.cit.* p:15)

Booij (2010) aponta que duas conclusões podem ser tiradas com base nessa análise: (a) generalizações morfológicas não podem ser reduzidas ou compreendidas apenas por meio da sintaxe ou da fonologia, ou seja, existe uma gramática morfológica relativamente autônoma, apesar de integrada aos demais níveis linguísticos, num *continuum* léxico-sintaxe; e (b) novos itens criados com base em

esquemas abstratos são acrescentados ao léxico e podem apresentar propriedades idiossincráticas e/ou convencionalizar-se, como explica o autor no texto de 2007, no qual se dedica exclusivamente ao tratamento de questões desse tipo (BOOIJ, 2010). Para ele, a existência de esquemas produtivos abstratos para palavras complexas não implica que os produtos deixem de ser listados, já que, nos termos de Taylor (2002: 307), instâncias e esquemas geralmente co-existem e se apóiam mutuamente.

Essa relação, a existência de uma gramática morfológica, será explicitada na próxima seção com a análise de *eco-X* e *homo-X* por meio dos esquemas construcionais.

5.1 Esquemas e subesquemas

De acordo com Booij (2101:53), o grupo de palavras complexas pode ter propriedades comuns e distintas em um modelo de léxico no qual a existência individual de palavras complexas é dominada por um esquema de hierarquia que representa diferentes níveis de abstração e no qual a generalização sobre um subgrupo de palavras complexas pode ser produzido. Assim, nos esquemas, temos uma ou mais posições fixas lexicalmente enquanto as outras posições são abertas, sendo representadas por variáveis. Logo *eco-* e *homo-* são a parte lexicalmente preenchida nos esquemas *eco-X* e *homo-X*.

5.2 Esquema construcional de *eco-*

Como já havíamos dito anteriormente, as formações *eco-X* se encaixam no esquema de prefixação. Esse esquema também é o da composição neoclássica (SANDMANN, 1989; GONÇALVES, 2011b), por isso que se encaixam perfeitamente nas novas formações realizadas com *eco-*, pois este era radicais neoclássicos antes de passar pelas mudanças explicitadas a

seguir. Os significados propostos aqui foram retirados do dicionário etimológico Cunha (2010) e do dicionário eletrônico Houaiss (2009). No século XVI, tínhamos *eco-* com significado de “casa” e “habitat”, como podemos ver em palavras como ‘economia’ que, segundo o dicionário etimológico Cunha, significa “administração de uma casa”. No século XX, surge, ainda com o significado etimológico, a palavra ‘ecologia’, que significa “estudo das relações entre os seres vivos e o meio onde vivem”. É dessa palavra-matriz que surgem os novos significados, relacionados a questões envolvendo o meio-ambiente, como a reciclagem e a utilização de produtos menos poluentes, o que favorece a ampla criação de novas palavras.

Podemos observar que há um esquema geral no qual o significado de *eco-* era ainda o etimológico do século XVI. Quando o formativo sofre ressemantização por metonímia, engatilhada pela palavra-matriz ‘ecologia’, é que surgem os subesquemas e as novas formações por subparte. É nesse sentido que afirmamos, com base em Gonçalves & Almeida (2013), os quais retomam Goldberg (1995), que as novas formações são palavras construídas a partir de herança por subparte, já que compactam o significado da palavra-matriz em um pedaço, ou seja, na forma encurtada, criando palavras em série. Desse esquema geral exposto abaixo, surge o subesquema com semântica distinta, em nada relacionada com a anterior.

um significado mais específico do esquema geral: no nó da direita, o significado de ‘reciclagem’ e no nó da esquerda, o significado ‘ecológico’. Nesses nós, algumas das propriedades do nó geral, ou melhor, do esquema geral, foram substituídas por propriedades que só existem nos subesquemas por serem mais específicas, ou seja, “nem toda informação de nós predominantes é inteiramente preservada.” (GONÇALVES & ALMEIDA, 2013: 19). Usando o conceito de heterossemia, entendendo por Heterossemia, segundo Lichtenberk (1991), a “*interpretação específica de itens lexicais polissêmicos que estão presos em construções particulares, tanto morfológicas quanto sintáticas*” (BOOIJ, 2010: 63), podemos observar que *eco-* passou por:

(a) mudança semântica: como radical neoclássico tinha o significado ‘casa, habitat’ e agora vários significados favorecidos pelo *frame*¹⁹ de ecologia. Por ter mudado semanticamente, *eco-* passou por mais duas mudanças que ocorreram logo após a especialização semântica;

(b) Mudança fonológica: as formações antigas, como ‘ecologia’, ‘economia’, por exemplo, têm vogal média anterior fechada [e], ou seja, em todas as formações em que o significado ainda é o etimológico, a vogal média anterior é fechada. Nas novas formações, com o significado ressemantizado, a vogal média passa de fechada ([e]) a aberta ([ɛ]): [ɛ]cotransporte, [ɛ]cotelhado, [ɛ]comunicações etc. Segundo Bybee (2010:14), o uso causa impacto na

¹⁹ Segundo Ferrari (2011:50) *frame* é “sistema estruturado de conhecimento, armazenado na memória de longo prazo e organizado a partir da esquematização da experiência”, ou seja, “essa noção é concernente à interpretação das palavras ou de um conjunto de palavras relacionadas às experiências humanas, em que expectativas culturais e bases físicas estão inseridas nessas experiências. A caracterização de *frame* permite, às pessoas, percepções, lembranças e raciocínios acerca de situações específicas para uma melhor codificação e entendimento da cena em que se inserem” (PIRES, 2013/no prelo).

representação cognitiva da linguagem. A autora acredita que as representações cognitivas são sensíveis a aspectos da experiência, tais como a frequência de uso (*op.cit.* p: 19). Segundo a autora,

Então todos os exemplares fonéticos de uma palavra são dispostos em um grupo exemplar que é associado aos significados da palavra e aos contextos em que foi usado, formando, assim, um grupo exemplar. Significados, inferências e aspectos do contexto relevantes para o significado são também armazenados com os exemplares. (*op.cit.* p: 19).²⁰

A autora observa que formas fonéticas particulares estão associadas a significados particulares ou a contextos de uso, mas, mais comumente, uma palavra é representada por um conjunto de exemplares fonéticos com uma pequena gama de variação associada diretamente a um conjunto de significados. Assim, a mudança fonética de *eco-* está associada a sua mudança de significado. Bybee acredita que as palavras de alta frequência sofrem mais alteração ou mudança a um ritmo mais rápido que as palavras de baixa frequência. Dessa forma, uma palavra, que consiste de um conjunto de exemplares fonéticos, bem como um conjunto de exemplares semânticos, pode ser considerada uma unidade que pode então estar relacionada a outras palavras, de várias maneiras. Para a autora, as palavras se relacionam em dimensões fonéticas, bem como em dimensões semânticas. Logo, as relações morfológicas emergem de relações estabelecidas entre as palavras, devido à sua semelhança semântica e fonética. A autora ressalta que *“relações morfológicas são gradientes devido às diferenças de similaridade tanto semântica quanto fonética. Como é bem conhecido, palavras relacionadas pela*

²⁰ *Then all the phonetic exemplars of a word are grouped together in an exemplar cluster which is associated with the meanings of the word and the contexts in which it has been used, which themselves form an exemplar cluster . The meanings, inferences and aspects of the context relevant to meaning are also stored with exemplars.*

morfologia derivacional podem perder alguma semelhança semântica com as suas bases". (op.cit. p:36)²¹ Bybee (2010) conclui que,

A única maneira de as inferências tornarem-se parte do significado seria se os usuários da língua gravassem na memória as inferências em cada situação, como um modelo de riqueza da memória poderia sugerir. No ponto em que certas inferências tornam-se frequentes em certos contextos, passam a constituir parte do significado de uma construção. (op.cit. p:29)²²

A autora explica que na "gramaticalização, ocorre uma série de mudanças que converge para uma nova construção: redução fonética, mudança nos significados e inferências, que expandem os contextos de uso da nova construção"²³. Assim,

para que estas alterações sejam permanentes, elas devem ser registradas no exemplar que é fonte da nova construção desde o início. Isto implica que um exemplo de uma construção tem traços de memória para que propriedades fonética, pragmática e semântica específicas sejam marcadas. (op.cit. p:31)²⁴

Como Bybee, também acreditamos que, caso as inferências se fizerem frequentes, passam da extensão²⁵ da palavra para a intensão, pois foi o que ocorreu com os formativos em análise. Acreditamos também que as mudanças fonéticas e semânticas ocorreram de forma simultânea, e o resultado foi a mudança morfológica. Em *eco-*, verificamos que houve uma mudança fonética

²¹ *Morphological relations as diagrammed here are gradient in their strength due to differences in both semantic and phonetic similarity. As is well known, words related through derivational morphology may lose some semantic similarity to their bases.*

²² *The only way inferences can become part of the meaning would be if language users were recording in memory the inferences in each situation, as a rich memory model would suggest. At the point at which certain inferences become strong in certain contexts, they become part of the meaning of a construction.*

²³ *As grammaticalization takes place a number of changes accrue to the new construction: phonetic reduction (as going to becomes gonna), and change in meanings and inferences, which expand the contexts of use of the new construction.*

²⁴ *In order for these changes to become permanent, they have to be registered in the exemplar that is the source of the new construction right from the beginning. This implies that an exemplar of a construction has a memory trace to which specific phonetic, pragmatic and semantic properties can be tagged.*

²⁵ Segundo Ilari & Geraldi (2006:88), a intensão são "os conhecimentos linguísticos a respeito de uma expressão que nos permitem determinar sua extensão quando a expressão é utilizada." E a extensão é "o conjunto de objetos da realidade extralingüística a que uma expressão faz referência". Em outras palavras, a intensão de uma palavra é o conjunto de propriedades definitórias de um dado item lexical e a extensão seria as outras características atribuídas ao item lexical em um dado contexto.

quando, nas novas formações, a vogal passou de média anterior fechada à aberta; ao mesmo tempo se evidenciou a mudança semântica, já que o significado etimológico (*casa*, *habitat*) foi substituído pelo atual (ecológico). Ao se concluírem as mudanças fonético-semânticas, o resultado foi a

(c) **mudança morfológica**: *eco-* deixou de se comportar como radical neoclássico prototípico, ao assumir várias características de afixo, como vimos no capítulo precedente.

Segundo Gonçalves & Almeida (2013:21), as inúmeras formações em *eco-X*,

revelam a necessidade dos usuários da língua de expressar, de maneira flexível, generalizações correspondentes à interpretação de palavras complexas. Essa análise se mostra superior a uma abordagem por regras, pois o processo de formação e o significado se constroem bidirecionalmente.

Dessa forma, os esquemas são baseados em conhecimento lexical, e esse tipo de conhecimento é variável de falante para falante (BOOIJ 2010:89).

5.3 Esquema construcional de *homo-*

Da mesma forma que ocorre nas construções *eco-X*, nas formações *homo-X* o esquema é o da prefixação e, também aqui, a herança estabelecida é por subparte, já que *homo-* é um pedaço da palavra-matriz ‘homossexual’. Além de ser um pedaço, essa parte encurtada carrega todo o significado da palavra-matriz, e, a partir daí, passa a formar palavras em série. A palavra-matriz surgiu, segundo Cunha (2009), em 1899 com o significado ‘aquele que sente atração sexual e/ou mantém relação amorosa e/ou sexual com indivíduo do mesmo sexo’ (HOUAISS, 2009). Atualmente, nas novas formações, o significado atualizado é o da palavra-matriz ‘homossexual’. Aqui, no esquema

neoclássico a uma espécie de prefixo), ainda não observamos, como em *eco-*, uma mudança fonológica.

6. CONCLUSÃO

Percebemos que os elementos morfológicos *eco-* e *homo-*, no português brasileiro atual, não preservam mais o sentido etimológico, adquirindo um novo significado de alta relevância cultural: “ecológico” e “gay”.

Podemos afirmar que os elementos morfológicos aqui selecionados para análise estão passando pelo que a literatura linguística denomina processo de gramaticalização pois se enquadram na nova categoria gramatical, AFIXOIDES, mas ainda não perdemos as propriedades categoriais que já existia, a dos RADICAIS, pois estes ainda funcionam e são usados com relativa frequência. Podemos acrescentar que houve alteração no conjunto de membros, já que *eco-* e *homo-* mudaram de categoria gramatical.

Concluimos este trabalho reforçando que uma classificação clássica de modo algum daria conta do comportamento diversificado dos formativos *eco-* e *homo-*. Uma categorização baseada em protótipos, por sua vez, mostra-se mais adequada, uma vez que, como demonstramos nessa dissertação:

(a) as categorias morfológicas não têm fronteiras claramente definidas e podem mudar;

(b) nem todos os membros de uma classe morfológica têm idêntico estatuto: alguns são mais centrais e outros, mais periféricos; e

(c) há condições de pertença: alguns formativos permitem variados graus de pertença, definidos com base na relação de semelhança com o protótipo, ou seja, com o melhor exemplar que define essa categoria (TAYLOR, 1989).

Observamos que os elementos *eco-* e *homo-* são o que a literatura morfológica sempre denominou de radicais neoclássicos e que este grupo é

bastante heterogêneo, pois seus elementos morfológicos não têm todos o mesmo estatuto (GONÇALVES, 2011b), o que evidencia, como defende Gonçalves (2011a), que uma categoria ou rotulação discreta não resolve o problema, pois os elementos exibem características tanto de afixos quanto de radicais, como demonstramos com a nossa análise nesta dissertação.

Se defendermos um *continuum* morfológico, como proposto por Bauer (2005), Gonçalves (2011 a,b,c), Baker (2000) e Kastovsky (2009), com certeza, *eco-* e *homo-*, embora por motivos diferentes, estariam mais próximos do polo da derivação, pois portam, segundo os critérios estabelecidos por Gonçalves & Andrade (2012), 5 características de afixo e 4 de radical, o que não nos deixa categorizá-los discretamente como afixo ou radical.

Demonstramos também que uma abordagem construcional da morfologia possibilita lidar com a flutuação categorial de maneira bem mais interessante, já que o processo de recomposição é flutuante categorialmente por exibir características tanto da derivação quanto da composição, o que resulta uma difícil categorização. Assim, na Morfologia Construcional, deixa de ser importante essa distinção, já que não necessariamente temos de categorizar os processos de formação de palavras como derivação, composição ou outro processo qualquer, mas a partir das peças morfológicas que servem para montar novas formações por meio de esquemas morfológicos, independentemente de seu estatuto. Esquemas se mostram, portanto, necessários e teoricamente vantajosos, na medida em que descrevem melhor os processos de formação de palavras. Através de uma análise pela Morfologia Construcional conseguimos relacionar – como foi exposto no capítulo 5 – semântica, sintaxe, morfologia e fonologia na descrição

dos formativos aqui contemplados, já que os esquemas construcionais nos permitem uma descrição mais integrada da morfologia.

7. Referências Bibliográficas

ALVES, Maria Ieda. Neologismo: criação lexical. 3ª ed. São Paulo: Ática, 2007

AURÉLIO, Buarque de Holanda. Dicionário Aurélio Eletrônico – Século XXI. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1999.

BAKER, M. On Derivational Asymmetries in Derivational Morphology. In S. Bendjaballah et al. (eds.) Morphology 2000: Selected Papers from the 9th Vienna Morphology Meeting. Amsterdam: John Benjamins, 2000, 21-104.

BAUER, L. The borderline between derivation and compounding. In: W. Dressler et al. (eds.). Morphology and its demarcations. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, p. 97-108.

BASILIO, M. Teoria Lexical. 8ª ed. São Paulo: Ática, 2007.

BECHARA, Evanildo. Moderna Gramática Portuguesa. 37ª ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.

BLOOMFIELD, Leonard. Language, New York: Holt, 1933.

BOOIJ, G. Compounding and Derivation. Evidence for Construction Morphology. In: W. Dressler et al. (eds.). Morphology and its Demarcations. Amsterdam / Philadelphia: John Benjamins Publishing Company, 2005, pp. 109-131.

BOOIJ, G. Construction morphology. Oxford: Oxford University Press, 2010.

BYBEE, J. Morphology: a study of the relation between meaning and form. Cambridge: Cambridge University Press, 1985.

BYBEE, Joan. Language, Usage and Cognition. Cambridge University Press, 2010.

CAMARA JUNIOR, J. M. Dicionário de Linguística e Gramática: Referente à língua portuguesa. 27ª Ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2009.

CAMARA JUNIOR, J. M. Estrutura da Língua Portuguesa. 36ª ed Rio de Janeiro: Vozes, 2004

CASTILHO, Ataliba T. de. Nova gramática do português brasileiro. São Paulo, Contexto, 2010.

CUNHA, C. & CINTRA, L. Nova Gramática do Português Contemporâneo. 3ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001.

CUNHA. A. G. da. Dicionário etimológico. 4ª edição. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.

CORBIN, D. French (Indo-European: Romance). In: G. Booij, C. Lehmann & J. Mugdan (eds.). *Encyclopédie Internationale de Morphologie*, Article 121, Berlin, Walter de Gruyter, 2000.

FERRARI, Lilian. *Introdução à lingüística cognitiva*. São Paulo:Contexto, 2011.

GÓIS, Carlos. *Dicionário de Raízes e Cognatos da Língua Portuguesa*. Rio de Janeiro: P. de Azevedo, 1945.

GOLDBERG, A. *Constructions: a construction grammar approach to argument structure*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1995.

GONÇALVES *et alii*. *Introdução à Gramaticalização*. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

GONÇALVES, C. A. *Flexão e Derivação em português*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

GONÇALVES, C. A. V. Usos morfológicos: os processos marginais de formação de palavras em português. *Gragoatá (UFF)*, v. 21, p. 219-242, 2006.

GONÇALVES, C. A. V. & ALMEIDA, M. L. L. Das relações entre forma e conteúdo nas estruturas morfológicas do português. *Diadorim (Rio de Janeiro)*, v. 4, p. 27-55, 2008.

GONÇALVES, C. A. V. Paitrocínio, tecno-macumba, maridoteca: o comportamento das formas combinatórias no português do Brasil. Revista da ABRALIN, Curitiba, v. 10 (2), p. 67-90, jul./dez., 2011c.

GONÇALVES, C. A. Composição e derivação: pólos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos. Comunicação apresentada no I CIEL (Congresso Internacional de Estudos do Léxico). Salvador: UFBA, 2011a.

GONÇALVES, C. A. & ALMEIDA, M. L. L. Por uma Cibermorfologia: Abordagem Morfossemântica dos Xenocostituintes em Português. *In*: Mollica, M. C. & Gonzalez, M. (orgs.) Linguística e Ciência da Informação: Diálogos Possíveis. Curitiba: Appris, p. 105-127, 2011.

GONÇALVES, C. A. Compostos Neoclássicos: estrutura e formação. Comunicação apresentada no I Congresso Brasileiro de Morfologia. Porto Alegre, UFRGS, 2011b.

GONCALVES, C. A. V & ALMEIDA, M. L. L. Morfologia Construcional: principais idéias, aplicação ao português e extensões necessárias. Rio de Janeiro: UFRJ/ Faculdade de Letras, inédito

GONÇALVES, Carlos Alexandre & ANDRADE, Katia Emmerick. El status de los componentes morfológicos y el continuum composición–derivación en portugués. *Lingüística*, 28 (2), p. 119-145, 2012.

GONÇALVES, C. A. Composição e derivação: pólos prototípicos de um continuum? Pequeno estudo de casos. Domínios de Linguagem, 5, p. 62-89, nov. , 2011a.

GONÇALVES, C. A. Prefixação: Composição ou Derivação? Novos enfoques sobre uma antiga polêmica. Matraca, 30, p. 142-167, jun, 2012.

HECKLER, Evaldo et al. Dicionário morfológico da língua portuguesa. Porto Alegre: UNISINOS, 1981.

HEINE, B. & REH, M. Grammatical Categories in African Languages. Hamburgo: Helmut Buske, 1984

HOPPER, P. On Some Principles of Grammaticalization. In: TRAUGOTT, E. C.; HEINE, B. (orgs.). Approches to Grammaticalization. Amsterdam: John Benjamins, 1991, p.17-36.

HOUAISS. Dicionário Digital da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Objetiva, 2009.

ILARI, R. & GERALDI, J W. Semântica. São Paulo: Ática, 2006.

KASTOVSKY, Dieter. Astronaut, astrology, astrophysics: about combining forms, classical compounds and affixoids. In: McConchie, R. W. et al. (eds.). Selected Proceedings of the 2008 Symposium on New Approaches in English

Historical Lexis (HEL-LEX 2). Somerville, MA: Cascadilla Proceedings Project, 2009, p. 1-13.

LAROCCA, M. N. De C. Manual de Morfologia do Português. 5ª Ed. São Paulo: Pontes, 1994.

LICHTENBERK, F. On the Gradualness of Grammaticalization. In: E. TRAUGOTT & B. HEINE (eds.) Approches to Grammaticalization. Amsterdam: Jonh Benjamins, 1991, p.37-80.

MONTEIRO, J. L. Morfologia Portuguesa. 4ª edição, Campinas: Pontes, 2002.

NEVES, M. H. de M. A Gramática Funcional. São Paulo: Martins Fontes, 1997.

OLIVEIRA, P. A. Os Afixoides eco- e homo- no Processo de Recomposição. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 3, p. 69-81, 2012.

OLIVEIRA, P. A. & GONCALVES, C. A. Por Uma Visão Compreensiva Do Processo De Recomposição. In: XVII Congresso Nacional de Linguística e Filologia Rio de Janeiro: CiFeFil, 2013. v 17. P. 135-151

OLIVEIRA, P. A. & GONCALVES, C. A. O Processo de recomposição e os formativos eco- e homo- no Português brasileiro: compressão semântica e análise estrutural. *Cadernos do NEMP*, Rio de Janeiro, n. 2, p. 171-184, 2011.

PERINI, M. A. Gramática do Português Brasileiro. São Paulo: Parábola Editorial, 2010

PIRES, José Augusto de Oliveira. Bambódromo e Porcódro: Análise dos 'novos estágios' sob a luz da Língua Cognitiva. 2013 (no prelo)

ROCHA LIMA. Gramática Normativa da Língua Portuguesa. 48ª Ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2010.

ROCHA. L. C. A. Estruturas Morfológicas do Português. 2ª Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2008.

ROSA, M, C. Introdução à Morfologia. 5ª Ed. São Paulo: Contexto, 2009.

RALLI, A. Compounds in Modern Greek. Rivista di Linguistica 4 (1): 143-174, 2007.

RALLI, A. Compound Markers and Parametric Variation. Language Typology and Universals (STUF), p. 19-38, 2008.

SANDMANN, A. J. Morfologia lexical. São Paulo: Contexto, 1989.

SILVA, A. S. O Mundo dos Sentidos Em Português: Polissemia, Semântica e Cognição. Coimbra: Almedina, 2006.

TAYLOR, J. R. Linguistic Categorization. Oxford: Oxford University Press, 1989.

TEN HACKEN, Pius. Defining Morphology: a principled approach to determining the boundaries of compounding, derivation, and inflection. Hildesheim: Olms, 1994.

VILLALVA, Alina. Estruturas Morfológicas. Unidades e Hierarquias nas Palavras do Português. Lisboa: FCG, 2000.

Anexo 1: lista de dados eco-X

Eco-X	Significado, contexto de uso	Fonte
(01) Ecoambiental	Passeata ecológica em prol do meio ambiente	www.ecoambiental.info
(02) Ecosustentável	(1) empresa que polui menos; (2) decoração feita de reciclagem (3) produto reciclado que beneficia a natureza	Google
(03) Eco-turismo	Um segmento de atividade turística que utiliza de forma sustentável o patrimônio natural	Google
(04) Eco-casa	Construção sustentável com telhados verdes e energia fotovoltaica	Google
(05) Eco-resort	Hotel-fazenda que pratica passeios considerados ecológicos.	Google
(06) Eco-atitude	Atitude ou comportamento que respeita as regras de preservação ambiental ou ecológica	Google
(07) Eco-linguístico	é o estudo das relações entre língua e meio ambiente.	Google
(08) Ecorrenovação	Renovação/reciclagem: sistema de coleta de água da chuva; assoalho feito com casca de arroz reciclada; casa de praia feita com contêineres usados.	www.hagah.com.br/programacao .
(09) Ecodiversidade	Diversidade ecológica	Google
(10) Ecopista	Pistas ecológicas coordenadas pelo Instituto Ayrton Senna	http://www.ecopistas.com.br/
(11) Ecopipa	Pipa ecológica feita de papel reciclado	Google
(12) Ecoponto	Locais de entrega voluntária de pequenos volumes visando à reciclagem; Estação de Entrega Voluntária de Inservíveis.	www.ecoponto.com.br/ecopont.html
(13) Ecosocialistas	Defendem a restauração do bem comum e da restauração da natureza	www.mespe.com.br
(14) Ecoproduto	Produtos feitos com material reciclado	Google
(15) Ecopátio	é um sanitário ecológico feito para apartamentos e casas sem grama: tamanho: ideal para machos e fêmeas de pequeno e médio porte. junte dois ou mais ecopatios para cães grandes ou vários cães.	http://www.ecopatiet.com.br/
(16) Ecocidade	é um assentamento humano modelado na estrutura e função resilientes auto-sustentáveis de ecossistemas naturais.	http://www.ecocitystandards.org/pt-br/o-que-e-uma-ecocidade/
(17) Ecojogos	Jogos que conscientizam as crianças sobre a importância do meio ambiente	www.ambiental.indaituba.sp.gov.br/semepagina/ecojogos
(18) Ecodemo	Empresa que faz demolições ecológicas e construções civis sem	www.linkb.2b.pt/empressas

	prejudicar o meio ambiente	
(19) Ecofato		
(20) Ecólogo	Profissional dedicado ao estudo da ecologia	www.rc.unesp.br
(21) Ecosítio	Sítio ecológico que promove a venda de produtos sem agrotóxicos	www.ecosítio.com.br
(22) Ecojardim	Jardim ecológico	www.ecojardim.algarve.com
(23) Ecocídio	Destrução em larga escala do meio ambiente	www.istoe.com.br/164493-ecocídio+um+crime+mundial
(24) Ecomania	Mania de reciclar	www.ecomania.pt
(25) Ecopolítico	Projeto político-pedagógico que visa o desenvolvimento da educação ambiental nas escolas	http://www.sobrenaturezas.blog.br/2012/05/24/manifesto-ecopolitico-do-sobrenaturezas/
(26) Ecocentrismo	Linha política de filosofia ecológica que apresenta um sistema de valores centrados na natureza	Google
(27) Ecodiesel	A Brasil Ecodiesel é uma empresa brasileira produtora de biodiesel.	pt.wikipedia.org/wiki/Brazil
(28) Ecodigital	Recolhimento de sucata digital	www.ecodigital.com.br

(29) Ecogeografia	Geografia ecológica	www.espacoecologico.noar.com.br/index.php
(30) Ecofraldas	Fraldas ecológicas: feitas de produtos recicláveis	Ecofraldas.blogspot.com/
(31) Ecoaventura	Aventuras ecológicas: trilha, rapel.	www.ecoafting.com.br
(32) Ecoequilíbrio	é uma empresa especializada em projetos de meio ambiente, qualidade, segurança e saúde no trabalho	http://www.ecoequilibrio.com.br/
(33) Econotícias	Notícias ecológicas	http://www.oeco.org.br/
(34) Ecocelebridades	São celebridades que além da parte social, preocupam-se com a ecologia do planeta	BR.answers.yahoo.com
(35) Ecossistêmica	Título de um livro que aborda os problemas ambientais	www.bondfaro.com.br/livros
(36) Ecoterrorismo	terrorismo ecológico	www.bisguniverso.com.br/blog
(37) Ecoterrorista	Médico que afirma que vale tudo na luta contra o uso de animais como cobaias em testes de laboratórios. Até matar cientistas. O médico se auto-intitulou ecoterrorista por que luta contra os humanos na defesa de animais	http://super.abril.com.br/ciencia/ecoterrorista-445671.shtml
(38) Ecogaz	Criações e conversões energéticas	http://ecogaz.com.br/

	visando a preservação do meio ambiente	
(39) Ecotijolo	tijolo ecológico	www.olariatecnoeco.com.br
(40) Ecojato	Serviço de hidrojateamento industrial que economiza 70% de água.	www.ecojato.com.br
(41) Ecodesenvolvimento	Desenvolvimento ecológico	www.ecodesenvolvimento.org.br
(42) Ecoconsumo	Um grupo de pessoas que reutiliza e recicla energia, água e produtos com o intuito de proteger o meio ambiente	http://acaosustentavel.blogspot.com.br/p/eco-consumo.html
(43) Eco-chatos	Pessoas consideradas chatas por se preocuparem em excesso com o meio ambiente	Planetasustentavel.abril.com.br
(44) Ecolutions	Lançada em 2008, a linha BIC ECOLUTIONS demonstra o compromisso da Bic com o desenvolvimento sustentável. Essa linha é feita com materiais reciclados ou renováveis	www.bicbrindes.com.br
(45) Ecoideias	Indústria de moda que aposta em ideia simples para cuidar do meio ambiente	Planetasustentavel.abril.com.br
(46) Ecólatra	Viciado em ecologia	www.docomomo.org.br
(47) Ecobrisa	Uma alternativa saudável e ecológica ao ar condicionado. São os resfriadores de ar evaporativos ECOBRISA, que resfria, umidifica e renova o ar, com 90% de economia em relação ao Ar-Condicionado.	www.apontador.com.br
(48) Ecolatriza	Um ecólatra que tenta impor aos outros seus princípios em relação a natureza ignorando posturas e convicções contrárias	www.docomomo.org.br
(49) Ecopicareta	Pessoas que desviam dinheiro públicos que são destinados a preservação do meio ambiente	Tomauma.blogspot.com/2010/12/ecopicaretas.html
(50) Ecogestos	Gestos ecológicos promovido pelos franceses	www.france.fr
(51) Ecotextura	Revestimento natural para paredes, isento de elementos derivados do petróleo	www.organum.com.br/ecotextura.asp
(52) Ecovia	Vias ecológicas	www.ecovias.com.br
(53) Ecoviagem	Viagem ecológica	http://ecoviagem.uol.com.br/
(54) Ecovila	As casas construídas na Ecovila Clareando utilizaram recursos	http://www.clareando.com.br/interno.asp?co

	naturais e materiais reciclados de forma inteligente, reduzindo bastante o impacto ambiental. Os projetos das próximas casas, que serão erguidas, são ainda mais amigáveis em relação ao meio ambiente.	nteudo=construcoes
(55) Ecocataratas	<i>Ecocataratas</i> , é uma empresa do grupo EcoRodovias que opera o Lote 3, do Anel de Integração do Paraná	http://www.ecocataratas.com.br/
(56) Ecoviver	Projeto com o objetivo de promover a educação ambiental	www.ecovias.com.br
(57) Ecolimpeza	Produtos de limpeza ecológicos que não agredem o meio ambiente	Ecolimpeza.blogspot.com.br
(58) Ecofrotas	frota de transportes ecológicos	www.ecofrotas.com.br
(59) Econegociação	Parcerias em defesa de bens naturais	www.scribd.com/econegociacao
(60) Ecopaisagismo	Visa o desenvolvimento teórico e prático referente a soluções verdes para os centros urbanos com destaque para o uso de jardins verticais	http://ecoviagem.uol.com.br/
(61) Ecoequilíbrio	Empresa ecológica especializada em projetos de meio ambiente	www.ecoequilibrio.com.br

(62) Ecolike	Site que fomenta a participação de pessoas em projetos sociais e ecológicos	www.ecolike.net
(63) Ecobus	Ônibus ecológico	www.ecobus.com.br
(64) Ecocidadãos	Franceses que aprederam a por em prática os ecogestos certos. Surgiu uma série de iniciativas para promover boas práticas ambientais	www.france.fr
(65) Ecomudanças	Um fundo da empresa Itaú que reverte 30% da taxa de administração para projetos com foco na redução de emissão de gases de efeito estufa	www.itaui.com.br
(66) Ecoeficiência	Define-se no âmbito da poluição ambiental e defende um sistema ecoeficiente que é aquele que consegue produzir mais com menos recursos e resíduos	www.proambientecampinas.com.br
(67) Ecopropaganda	Propaganda que difunde a questão ambiental e seus problemas	Books.google.com.br
(68) Ecoclean	Empresa especializada em limpezas e higienização ecológica	www.ecocleans.com.br
(69) Eco-pensamento	Pensamento ecológico	https://www.facebook.com

		com/Irritante/posts/183486638367498
(70) Eco-amigável	Um tipo de sabão feito com óleo vegetal já utilizado em cozinha (feito com óleo reciclado)	Google
(71) Ecotumbas	Tumbas ecológicas	Jornal "O Globo", 09/05/12, Segundo Caderno, página 1 "Um Líbello pela Ditadura" de Fernanda Godoy
(72) Ecodynamics	Carro ecológico	HTTP//autozine.com.br/ecologicos/carrosecologicos-o-que-estao-mercado-e-o-que-esta-por-vir
(73) Ecocert	Empresa que certifica (com selos) quais são os alimentos orgânicos e cosméticos naturais podem ser usados pelos seres humanos	www.ecocert.com.br
(74) Ecopaper	Empresa que fabrica sacolas de papel biodegradável (sacolas ecológicas que não prejudicam a natureza)	www.ecopaperparck.com.br/empresa
(75) Ecogreens	Empresa que fabrica produtos reciclados	www.ecogreens.com.br/v2/evento
(76) Ecoplan	Conservação de plantas	www.ufpe.br/ecoplan
(77) Ecobikes	Bicicletas ecológicas	www.ecogreens.com.br/v2/eventos/ecobikes
(78) Ecoplanet	Plantações ecológicas	www.ecoplanet.agr.br/index.php
(79) Ecodebate	Portal de notícias, artigos e informações sobre cidadania, meio ambiente e desenvolvimento sustentável	www.ecodebate.com.br
(80) Econfeção	Empresa que fabrica blusas feitas de garrafas pets recicladas	www.ecogreens.com.br/v2/eventos/camisade-pet
(81) Ecodesign	Decoração feita de produtos reciclados	www.ecogreens.com.br/decoracaosustentavel
(82) Ecocorrída	Corrida ecológica	www.instigando.com/noticias/523-eco-corrída-e-a-novidade-de-2012
(83) Ecorrida	Corrida ecológica	Foto de medalha da olimpíada no colégio Santa Mônica
(84) Ecossistêmico	Uma estrutura de trabalho que visa à utilização do meio ambiente de forma sustentável	www.rhma.org.br/mab/unesco-01-enfoqueeco.asp
(85) Ecologismo	Ideologia política surgida a partir do	www.infoescola.com/e

	questionamento sobre o esgotamento dos recursos naturais e o futuro de vida no planeta	cologia/ecologismo
(86) Econet	Programa de televisão que mostra como se faz produtos reciclados	www.youtube.com/watch
(87) Ecotelhado	Telhado verde	www.ecotelhado.com.br
(88) Ecoparede	Parede verde	www.ecotelhado.com.br
(89) Ecopavimento	Pavimento com grama	www.ecotelhado.com.br
(90) Ecotermica	Telha ecológica	www.telhaecologica.net.br
(91) Ecoimposto	Imposto ecológico	Pegadas-ecologicas-trabalhos.blogspot.com
(92) Ecotop	Reciclagem de plástico e alumínio para a feitura de telhas ecológicas	www.ecotop.com.br
(93) Ecotribo	Passeios ecológicos	www.ecotribo.com.br
(94) Ecorodovias	Rodovias ecológicas	www.ecorodovias.com.br
(95) Ecocidadania	Tentativa de contribuir para a preservação do planeta	Eco-cidadania.blogspot.com
(96) Ecofeminismo	O meio ambiente discutido por mulheres	www.nipeda.direito.ufba.br/artigos
(97) Ecofeira	Feira ecológica: vende alimentos integrais e sem agrotóxicos	www.lagoavirtual.com/ecofeira
(98) Ecofogão	Fogão a lenha	www.ecofogao.com.br
(99) Ecobenefícios	Recursos financeiros destinados ao meio ambiente	www.embratec.com.br
(100) Ecofibra	reciclagem da casca de coco	www.ecofibra.com
(101) Ecoterra	<i>Ecoterra</i> trabalha junto aos agricultores auxiliando-os na produção orgânica de alimentos e comercialização de seus produtos.	www.ecoterrabrasil.com.br
(102) Ecojoias	Jóias ecológicas	www.lidijoias.com
(103) Ecodestaques	O tema desenvolvimento sustentável esteve em alta ao longo de 2009 e você pode conferir aqui no Portal Eco D o que houve de mais importante e inovador na ecologia	www.ecoterrabrasil.com.br
(104) Ecopublicações	Publicações Ecológicas	http://tvcultura.cmais.com.br/reportereco/dicas/publicacoes/publicacoes-recomendadas-pelo-reporter-eco
(105) Ecoserviços	A ECOserviços, presta serviços de qualidade nas áreas da concepção, construção, controle e exploração de infra-estruturas, estudos de impacto ambiental e monitorizações ambientais, avaliações de risco no	www.ecoterrabrasil.com.br

	âmbito da responsabilidade ambiental e outras atividades tais como a formação de técnicos e a fiscalização e controle de obras.	
(106) Ecodicionário	Dicionário de ecologia	www.ecoterrabrasil.com.br
(107) Ecoembalagens	Sacolas e embalagens feitas de material reciclável	www.ecoe.com.br
(108) Ecoempreendedor	São os empreendedores que implantam negócios voltados para a reciclagem	br.answers.yahoo.com
(109) Ecopente	Pente ecológico	Google
(110) Ecoadesivo	Adesivo ecológico	http://ecoadesivo.com.br/
(111) Ecoatividade	Atividades ecológicas	http://ecoviagem.uol.com.br/brasil/parana/curitiba/agencia-turismo/ecoatividade/
(112) Ecoamigo	Amigo do meio ambiente	http://www.dogscare.net/site/uma-nova-cultura/eco-amigo/
(113) Ecopreparação	Produtos ecológicos para a preparação dos suportes	http://www.mapei.com/PT-PT/good-ecosystems-subline.asp?IDSottoSistema=18
(114) Ecohistórico	eco-história da paisagem	http://www.periodicos.uem.br/ojs/index.php/BolGeogr/article/view/12880
(115) Ecoarquitetura	Ecoarquitetura, as vezes chamada de arquitetura verde, é um neologismo que exprime uma forma de planejar e construir usando técnicas simples e complexas, de maneira ambientalmente amigável, economizando energia e dentro de um contexto de desenvolvimento sustentável.	http://www.ramalhoesa.com/port/ecoarqui.html
(116) Ecopalhaçada	Palhaçada ecológica	http://meiobit.com/97709/ecopalhaada-do-dia-carro-movido-a-ar-comprimido/
(117) Ecodança	festival de competição de dança com temas livres ou temas ecológicos	http://ecodanca.blogspot.com.br/
(118) Ecoalfabetização	ecoalfabetização, vertente da educação ambiental que consiste na busca por maneiras de operacionalizar a sustentabilidade ecológica, por meio da observação e do aprendizado com os sistemas naturais	http://www.revistas.usp.br/pea/article/view/30033

(119) Ecohistoriador	um novo domínio da história que examina as relações das sociedades humanas com a natureza ou com o ambiente.	www.doaj.org/doaj?fulltext&ald=822399
(120) Ecotaxa	É um imposto que visa à preservação do meio ambiente	Ecotaxa.co2.org
(121) Ecogeografia	A “Ecogeografia”, é uma metodologia integrativa com a finalidade de atender ao planejamento em termos de manejo e salvaguarda do ambiente	http://www.espacoecologiconoar.com.br/index.php?option=com_content&task=view&id=3539&Itemid=62
(122) Ecoirritante	Pessoas que falam de ecológica a todo tempo, aborrecendo aos demais	http://www.forumcpu.com/como-tirar-o-eco-irritante-do-seu-microfone-t22269.html
(123) Eco Encontro	Encontro ecológico no qual se discute como serão construídas as casas da ecovila.	http://www.clareando.com.br/
(124) Ecoadministração	administração da eco-eficiência; consultor independente para empresas com responsabilidade ambiental	http://teclim.ufba.br/jsf/ecoeficiencia/jsf%20ecoef%20empres%20br%20engema01.PDF
(125) Ecoterapia	Tentativa de trazer melhorias a saúde através do contato com a natureza e ambientes naturais	saude>medicinaalternativa">www.artigonal.com>saude>medicinaalternativa
(126) Ecoloja	Loja que vende produtos reciclados	www.autossustentavel.com
(127) Ecotransporte	Transporte ecológico	www.golev.com.br/transportesustentavel
(128) Ecoturismo	turismo ecológico	www.ecotribo.com.br
(129) Ecofolhas	Folhas de madeira	http://www.ecofolhas.net.br
(130) Ecotítulos	Título dado a empresas que colaboram com a preservação ambiental ganhando benefícios por tal ação	Google
(132) Ecotécnicas	Técnicas ecológicas	http://www.ramalhoesa.com/port/ecoarqui.html
(134) Ecogastronomia	Gastronomia sustentável	www.ecogastronomia.com.br
(135) Ecosocialismo	Pensamento político ecologicamente sustentável	www.ecossocialismoubarbarie.blogspot.com.br
(136) Ecoanimal	Empresa que vende peixes e frutos do mar encapsulados	www.ecoanimal.com.br
(137) Ecoart	Empresa que produz pisos sustentáveis: são feitos de restos de rochas e areia	www.ecoartbrasil.com.br/ecoart.php
(138) Ecofrase	Frases ecológicas	Pref-maceio.jusbrasil.com.br

(139) Ecocida	Projeto do governo que prevê desmatamento	Consciência.blog.br/2010/suape-projeto-ecocida-sera-revisto.htm
(140) Ecopedagogia	Pedagogia ecológica	www.ufmt.br/revista/arquivo/rev21/moacir_gadotti.htm
(141) Ecosustentabilidade	Tentativa de mobilizar a sociedade em pro contra a degradação ambiental	Eco-sustentabilidade.blogspot.com/
(142) Ecoconsciencia	Site brasileiro sobre o consumo consciente de água , gás e energia	www.ecoconsciente.com.br
(143) Ecopolítica	Política voltada para o meio ambiente	Google
(144) Ecodicas	Espaço de troca de informações sobre ecologia	ecodicas.blogspot.com
(145) Ecocatástrofe	Catástrofe ecológica	www.pos.eco.ufrj.br
(146) Ecoeficiente	é aquele que consegue produzir mais com menos recursos e resíduos	www.proambientecampinas.com.br
(146) Ecojurídico	Um grupo que tem a finalidade de conscientizar a sociedade a favor da preservação do meio ambiente	Ecojuridicos.blogspot.com.br
(147) Ecoóleo	Reciclagem de óleo	www.ecoóleo.com.br
(148) Ecoposto	Posto de gasolina da Petrobrás que recicla todo o lubrificante usado destinando parte desta receita a projetos sociais.	Redeecoposto.com.br
(149) Ecoluz	Um grupo que traz informações sobre o meio ambiente para crianças	www.uol.com.br
(150) Eco-urbanismo	Proposta de urbanismo com o objetivo de minimizar a degradação ambiental	www.ecofocus.com.br
(151) Ecoluz	Utilização de energias e recursos naturais que não degrada o meio ambiente	www.creluz.cm.br
(152) Ecobag	Bolsa retornável	Google
(153) Ecotropical	Centro de Conhecimento em Biodiversidade Tropical.	http://www.ecologica.org.br/index.php?option=com_k2&view=item&id=53:ecotropical&Itemid=78
(154) Ecogourmet	O Programa EcoGourmet foi criado pelo grupo Ecofinance Negócios para avaliar e certificar o desempenho dos bares e restaurantes em relação à sustentabilidade. O objetivo principal do EcoGourmet é contribuir para a disseminação das práticas de sustentabilidade nos estabelecimentos gastronômicos.	http://www.programaecoecogourmet.com.br/oprograma/

(155) Ecobril	Bombril sustentável	http://www.ecobril.com.br/
(156) EcoFifa	A Fifa está violando os direitos humanos e o meio ambiente para construção de lugares para a Copa.	http://publiceye.ch/pt-pt/case/fifa/?utm_medium=social-media&utm_source=twitter&utm_campaign=fifa
(157) Ecodecor	Decoração ecológica	Revista “Casa e Decoração, ano 5, nº56
(158) Eco pizza	Projeto Eco pizza (0% de desmatamento	www.patronipizza.com.br

Anexo 2: lista de dados homo-X

(01) Homoprofissão	Profissão para homossexuais	Google
(02) Homoadoção	Adoção feita por homossexuais/gay	Google
(03) Homoviolento	Homossexual violento	Google
(04) Homoescândalo	Escândalo homossexual/gay	Google
(05) Homocasamento	Casamento entre homossexual/gay	http://soaestalada.blogspot.com.br/2009/11/homocasamento.html
(06) Homopirata	Jogadores de basquetebol homossexuais na Espanha	http://www.bsnpr.com/forums/discussion.asp?bid=9234&sid=62&np=&orderby=desc&x=1
(07) Homopedagogia	Pedagogia voltada aos homossexuais	http://homofobia-na-escola.blogspot.com.br/2009/04/homofobia-uma-tema-para-homopedagogia.html
(08) Homoestressado	Homossexual estressado	http://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/ciencia-esaude/2013/01/29/interna_ciencia_saude,346548/
(09) Homoterapia	Terapia para homossexual	Google
(10) Homoagressor	Aquele que agride a Homossexuais	Google
(11) Homoafetividade	Afetividade entre homossexuais	https://www.google.com.br/#q=Homoafetividade
(12) Homoerótico	Homossexual extremamente erótico	http://www.priberam.pt/dlpo/homoer%C3%B3tico
(13) Homoerotismo	refere-se à atração erótica entre indivíduos do mesmo sexo, tanto entre homens como entre mulheres	http://pt.wikipedia.org/wiki/Homoerotismo
(14) Homofilia	Atração afetiva e/ou física entre pessoas do mesmo sexo.	http://aulete.uol.com.br/homofilia
(15) Homocomportamento	Comportamento homossexual	Google
(16) Homofóbico	Homofobia é o termo utilizado para designar uma espécie de medo irracional diante da homossexualidade ou da pessoa homossexual, colocando este em posição de inferioridade e utilizando-se, muitas vezes, para isso, de violência física e/ou verbal	http://www.brasilecola.com/psicologia/homofobia.htm
(17) Homófobo	Diz-se do um indivíduo que tem fobia (medo, receio) a homossexuais e não aceita relações afetivas e sexuais entre	http://www.portais.ws/?page=art_det&ida=3808

	pessoas do mesmo sexo.	
--	------------------------	--

(18) Homossexualista	Adepto da ideologia homossexualista	http://www.dicionarioinformal.com.br/homossexualista/
(19) homostimulação	Tratamento por meio de homostimulantes	http://aulete.uol.com.br/homostimula%C3%A7%C3%A3o
(20) Homoafeição	Afeto a um homossexual	http://www.mariaberenice.com.br/uploads/homoafei%E7%E3o_um_direito_a_ser_respeitado_consulex.pdf
(21) Homorrealidade	Realidade dos homossexuais	http://www.homorrealidade.com.br/
(22) Homoestimulante	adj. e s. m. e f. (med.) que, ou o que estimula o mesmo órgão do qual deriva. Diz-se de, ou extrato de um órgão, que, Introduzido no organismo, estimula o mesmo órgão do qual procede. F. <i>Homo... +estimulante.</i>	http://aulete.uol.com.br/homostimulante
(23) Homoviolência	Violência física ou verbal contra homossexuais	http://veja.abril.com.br/blog/ricardo-setti/vastomundo/com-fim-da-politica-que-proibe-militares-de-se-declararem-homossexuais-eua-dao-importante-passo-em-favor-da-cidadania-e-das-liberdades-individuais/
(24) Homoignorante	Homossexual ignorante	http://books.google.com.br/books?id=FGH8uvkP4UC&pg=PA28&lpg=PA28&dq=Homoignorante&source=bl&ots=GXGSe-qt7G&sig=p_Fo1Db79P-PcIMsRc7n0M4FAog&hl=pt-BR&sa=X&ei=-nONUoD9LJPGkQeC_YGoAQ&ved=0CDAQ6AEwAQ#v=onepage&q=Homoignorante&f=false
(25) Homoacusador	Aquele que faz acusações contra homossexuais	Google
(26) Homoassinante	Homossexual que é assinante de revistas masculinas	Google
(27) Homoejaculador	Homossexual com ejaculação precoce	Google

(28) Homoatacador	Homossexual que agem com violência a outros e vice-versa.	http://www.bahianoticias.com.br/principal/noticia/141944-feliciano-diz-que-foi-atacado-por-gays-em-voos-esfregaram-o-bumbum-diz-pastor.html
(29) Homoinquisição	Inquisição homossexual	http://noticias.gospelmais.com.br/pastor-silas-malafaia-especial-site-contrap-l-122-19766.html
(30) Homopolítica	Política a favor dos homossexuais	http://www.recantodasletras.com.br/contosdesuspense/2970372 http://www1.folha.uol.com.br/revista/2603200612.htm
(31) Homodeputado	Deputado homossexual	http://www.candeiasmix.com.br/politica/8138/isidorio-oferece-filha-casar-presidente-grupo-gay-bahia/
(32) Homoconsciência	Consciência homossexual	Google
(33) Homoatleta	Atletas homossexuais	Google
(34) Homodireitos	Direitos dos homossexuais	http://br.groups.yahoo.com/group/homo_direitos/?m=0
(35) Homocultura	Tem como principal proposta fomentar e realizar intercâmbios e pesquisas sobre homossexualidade, homoerotismo, estudos <i>gays</i> e lésbicos, bissexuais, transgêneros e teoria <i>queer</i> .	http://www.edtl.com.pt/index.php?option=com_mtree&task=viewlink&link_id=253&Itemid=2